



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Daniel Henrique Silva do Nascimento

**A FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA:  
UMA ANÁLISE EM REDES SOCIAIS BRASILEIRAS DURANTE A PANDEMIA DE  
COVID-19**

Recife,  
2022

Daniel Henrique Silva do Nascimento

**A FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA:  
UMA ANÁLISE EM REDES SOCIAIS BRASILEIRAS DURANTE A PANDEMIA  
DE COVID-19**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Letras.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Luisa de Andrade Freitas

Recife,  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento, Daniel Henrique Silva do.

A formação de neologismos à luz da Morfologia Distribuída: uma análise em redes sociais brasileiras durante a pandemia de COVID-19 / Daniel Henrique Silva do Nascimento. - Recife, 2022.

63 p. : il., tab.

Orientador(a): Maria Luisa de Andrade Freitas

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2022.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Morfologia Distribuída. 2. neologismo. 3. blend. 4. Gerativismo. 5. morfologia. I. Andrade Freitas, Maria Luisa de. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

## TERMO DE APROVAÇÃO

Daniel Henrique Silva do Nascimento

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Letras.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Luisa de Andrade Freitas

### **A FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: UMA ANÁLISE EM REDES SOCIAIS BRASILEIRAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Aprovado em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof.º Dr. Marcelo Amorim Sibaldo  
(UFPE)

---

Orientador: Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> Maria Luisa de Andrade Freitas  
(UFPE)

Recife,

2022

## AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer primeiramente a Deus por mais esta fase que se conclui, sem a ajuda e permissão d'Ele, com certeza não chegaria até aqui. Agradeço os livramentos que tem me concedido durante estes longos anos de idas e vindas até a Universidade, tendo a certeza de que “a Sua benignidade dura para sempre” (Salmo 136.1).

Também quero agradecer à minha família, a começar dos meus pais, Luzinete Silva e Everaldo do Nascimento, por todo apoio e principalmente às dicas e advertências passadas, lembro de todas até hoje. Agradeço também à minha irmã, Débora, pela companhia que tem feito desde que eu tinha dois anos de idade. Mando um agradecimento também para a minha tia Celina, por toda ajuda que tem me dado até os dias de hoje. Vocês são um presente de Deus na minha vida.

Não posso esquecer de agradecer aos amigos que fiz durante a graduação, a começar pelo meu querido grupo intitulado *migordos*, composto por: Ariel Nery, Dryele Dávila, José Daniel, Gabriela Falcão, Geisy Herculano, Grazielle Eduarda e Mariana Fernandes. Sem vocês, minhas tardes na UFPE seriam mais monótonas e talvez um tanto sombrias. Agradeço cada conselho, dica, colaboração, passeios, piadas e risadas. Obrigado por sempre estarem lá quando precisei. Vocês têm um lugar reservado em meu coração. Dizem que amizade não se compra, e vejo esta premissa como verdadeira, pois não há dinheiro no mundo que pague a companhia de vocês.

Agradeço também ao amigo José Roberto de Luna, por simplesmente deixar minha vida na graduação bem mais simples com suas dicas e ajudas. Jamais vou esquecer do dicionário de Latim emprestado no dia da prova. Significou muito pra mim.

Vai um agradecimento ao amigo e irmão em Cristo Jesus, João Domingos, pela colaboração para este trabalho e pela companhia, ainda que de poucos dias, mas valiosa, pelo *campus* da universidade.

Vai um agradecimento especial à professora Maria Luisa, presente desde o meu primeiro ano de graduação, por aceitar compartilhar esta experiência de pesquisa acadêmica, bem como pela paciência e pelas orientações concedidas. Agradeço pelo apoio e por me apresentar, durante as aulas, um aporte teórico no qual pretendo seguir carreira como pesquisador. Não sei ao certo para onde seguiria se não fosse pela sua ajuda, professora.

Agradeço também a alguns professores pelas aulas incríveis e inesquecíveis que tive, em especial: André de Sena, Marcelo Sibaldo e Ricardo Postal. Se por um acaso eu estiver à frente de uma sala de aula, gostaria que soubessem que vocês serão minha inspiração.

Vai um agradecimento especial à equipe do NEAP - UFPE (Núcleo de Estudos e Assessoria Pedagógica - UFPE), onde fiz estágio, pela contribuição na minha formação como profissional e pelo aprendizado e companhia.

Por fim, agradeço também aos setores da UFPE: reitores, pró-reitorias, centros e coordenações pelos serviços prestados e por todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para que eu chegasse até aqui.

## RESUMO

O presente trabalho tem por intuito discutir os processos de formação de palavras novas (neologismos) na Língua Portuguesa levando em consideração o campo de estudo da Morfologia Distribuída (MD). Para tanto, foi utilizado como embasamento teórico para esta reflexão os trabalhos de Halle e Marantz (1993; 1994) e Harley e Noyer (1999), Scher (2017) e Minussi e Nóbrega (2015). O *corpus* da pesquisa consiste em comentários e postagens coletadas em páginas de cunho político nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*, tendo como mecanismo de filtragem a consulta em dicionários e na plataforma VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), sendo selecionados aquelas palavras que não apresentaram resultados nestas buscas. A partir do tratamento e classificação dos dados coletados de acordo com critérios gramaticais, morfológicos, silábicos e acentuais, foi feita uma análise quantitativa e qualitativa, observado quais os tipos de construções mais recorrentes bem como sua natureza morfossintática. Como resultado, constatou-se que a formação de nomes envolvendo processos de concatenação de morfemas se mostraram mais produtivos, demonstrando, dessa forma, a preferência pelo uso de nomes para relacionar ou se referir a algo ou alguém.

**Palavras-chave:** Morfologia Distribuída; neologismo; *blend*; Gerativismo; morfologia.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo discutir los procesos de formación de nuevas palabras (neologismos) en la lengua portuguesa, teniendo en cuenta el campo de estudio de la Morfología Distribuida (MD). Para ello se utilizaron como base teórica de esta reflexión los trabajos de Halle y Marantz (1993; 1994) y Harley y Noyer (1999), Scher (2017) y Minussi y Nóbrega (2015). El *corpus* de investigación consta de comentarios y publicaciones recopiladas en páginas de carácter político en las redes sociales Facebook y Twitter, teniendo como mecanismo de filtrado la consulta en diccionarios y en la plataforma VOLP (Vocabulario Ortográfico de la Lengua Portuguesa), siendo seleccionadas aquellas palabras que no presenta resultados en estas búsquedas. A partir del tratamiento y clasificación de los datos recogidos según criterios gramaticales, morfológicos, silábicos y acentuales, se realizó un análisis cuantitativo y cualitativo, observando los tipos de construcciones más recurrentes así como su carácter morfosintáctico. Como resultado, se encontró que la formación de nombres que involucran procesos de concatenación de morfemas resultó ser más productiva, demostrando así una preferencia por el uso de nombres para relacionar o referirse a algo o alguien.

**Palabras clave:** Morfología Distribuida; neologismo; *blend*; Generativismo; morfología.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo da teoria Gerativista para análise das sentenças das línguas naturais (MIOTO, 2013, p. 23).....	18
Figura 2 - Modelo da arquitetura da Gramática segundo a MD (HARLEY; NOYER, 1999, p. 3).....	24
Figura 3 - Modelo de projeção sintática para demonstrar a formação de expressões idiomáticas (MARANTZ, 1997, p. 5).....	25
Figura 4 - Modelo de representação do Deslocamento Local (Local Dislocation) na estrutura sintática (cf. HARLEY e NOYER, 1999).....	28
Figura 5 - Ilustração da propriedade do empobrecimento segundo a MD (HALLE e MARANTZ, 1994, p. 279).....	29
Figura 6 - Propriedade da fusão na MD (SCHER, 2017, p. 53).....	30

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - O empobrecimento de itens adjetivais na língua norueguesa (SAUERLAND, 1995 apud HARLEY e NOYER, 1999, p. 6).....	29
Tabela 2 – Classificação dos <i>blends</i> (MINUSSI; NÓBREGA, 2014 apud NÓBREGA; MINUSSI, 2015).....	32
Tabela 3 - Classificação dos neologismos presentes no corpus de acordo com as variáveis consideradas.....	36
Tabela 4 - Recorrência das categorias utilizadas para a classificação de construções neológicas.....	36
Tabela 5 - Recorrência dos processos morfológicos utilizados para a classificação de construções neológicas.....	36
Tabela 6 - Recorrência da numeração silábica das palavras que compõem o corpus.....	37
Tabela 7- Recorrência da tipologia de acentuação das palavras que compõem o corpus...	37
Tabela 8 - Recorrência da tipologia de formações neológicas por <i>blends</i> no corpus da pesquisa.....	38

## LISTA DE ABREVIATURAS

Adj.....	Adjetivo
Comp.....	Composição
Conc.....	Concatenação
MD.....	Morfologia Distribuída
Nom.....	Nome
Ox.....	Oxítona
Par.....	Paroxítona
Prop.....	Proparoxítona
Trunc.....	Truncamento
Verb.....	Verbo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. GERATIVISMO: UM BREVE PANORAMA.....	15
1.1 Pressupostos fundamentais da Teoria Gerativa .....	15
1.2 O tratamento da morfologia na Gramática Gerativa .....	19
2. A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA (MD) .....	22
2.1. Pressupostos teóricos da MD .....	22
2.2 Princípio do subconjunto e subespecificação .....	26
2.3 Operações morfológicas .....	27
2.3.1. Concatenação morfológica .....	27
2.3.2. Empobrecimento .....	28
2.3.3. Fusão .....	29
2.4 A MD e a Formação de <i>Blends</i> .....	30
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	34
3.1 Procedimentos metodológicos .....	34
3.1.1 Descrição quantitativa dos dados .....	36
3.2 A Formação Neológica à Luz da MD .....	38
3.2.1 A formação neológica por <i>blends</i> morfológicos .....	38
3.2.2 A formação neológica por <i>blends</i> fonológicos .....	41
3.2.3 A formação neológica por processos concatenativos .....	43
3.2.4 A formação neológica por processos concatenativos e <i>blends</i> .....	47
3.2.5 A formação neológica por processos de composição .....	47
3.2.6 A formação neológica por processos de composição e concatenação .....	48
3.2.7 A formação neológica por <i>blend</i> morfofonológico .....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	54
ANEXO 1 .....	56



## INTRODUÇÃO

A criação de novas palavras surge da necessidade de nomear a realidade e acontecimentos que circundam o ser humano. Carvalho (2006) afirma que o surgimento de uma palavra nova está relacionado à criatividade do falante, que faz uso de seu repertório lexical para se referir a determinado contexto sócio-político, artístico ou até mesmo cultural, aumentando, assim, a informatividade. A autora ainda propõe uma classificação dos neologismos em: *conceptuais*, que estão relacionados à atribuição de um novo significado para uma palavra já existente na língua; *formais*, que consistem em uma palavra nova, podendo ser composto de palavras da própria língua ou de uma língua estrangeira; *empréstimos*, sendo estes relacionados às palavras de uma língua que são incorporadas em outra; e os *neologismos populares*, que correspondem às gírias introduzidas na língua a partir de grupos sociais com características próprias.

A partir disso, o presente trabalho pretende discutir os processos de formação de palavras novas (neologismos) na Língua Portuguesa levando em consideração o campo de estudo da Morfologia Distribuída (MD). Objetiva-se, de forma mais específica, quantificar e descrever a frequência de produtividade das construções, bem como analisar quais são os procedimentos morfossintáticos envolvidos durante a formação de uma nova palavra, além da natureza semântica delas.

Para tanto, foram selecionadas 118 palavras oriundas de páginas e postagens com temáticas políticas das redes sociais *Facebook* e *Twitter* durante o período de fevereiro de 2020 até junho de 2021. A escolha dessas redes sociais, bem como da temática política, está relacionada à grande quantidade de usuários e, conseqüentemente, à interação e informatividade entre eles. Para que a construção fosse considerada um neologismo, foram consultados dicionários, bem como a plataforma do VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), que serviram como mecanismo de filtragem, ou seja, aquelas palavras que não foram encontradas durante o processo de busca, foram selecionadas. Após esta seleção, os dados foram classificados de acordo com variáveis gramaticais, morfológicas, silábicas e acentuais. Tais variáveis elucidaram quais aspectos morfológicos se mostraram mais recorrentes, bem como as mudanças de natureza morfofonológica que ocorreram durante o processo de formação.

Dessa forma, o presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos, sendo o primeiro apresentando um breve panorama da teoria gerativa, seu objeto de análise e seus principais pressupostos. Ademais, foi explanado como o campo de estudo da morfologia é

abordado dentro dessa teoria, bem como as mudanças analíticas que ocorreram ao longo do tempo.

No segundo capítulo, foi feita uma breve discussão tendo como ponto central a Morfologia Distribuída (MD), seus principais pressupostos teóricos e características, a fim de elucidar como ocorre a formação de uma palavra nesta perspectiva teórica. Esta reflexão se fundamenta, dentre outros, nos trabalhos de Halle e Marantz (1993; 1994), que trazem os conceitos basilares da MD, bem como sua aplicação em algumas línguas.

No terceiro capítulo, encontram-se as seções de metodologia e análise do *corpus*, composto por dados coletados em páginas das redes sociais *Facebook* e *Twitter*, mostrando como se deu a classificação dos neologismos encontrados, bem como os recursos mais utilizados na formação das palavras, levando em consideração todo o aparato teórico exposto previamente.

Por fim, encontram-se as considerações finais, onde são abordados os resultados obtidos, bem como possíveis questões levantadas durante a presente reflexão que servirão como ponto de partida para trabalhos futuros.

## 1. GERATIVISMO: UM BREVE PANORAMA

A linguagem humana tem sido alvo de diversos estudos. Ao longo do tempo, várias abordagens surgiram com o objetivo de que se tenha uma melhor compreensão de como funciona este mecanismo de alta complexidade. Com isso, o presente capítulo tem como objetivo apresentar os conceitos basilares de uma das correntes de estudo da linguagem, a teoria Gerativista, enfocando os aspectos fundamentais da organização deste modelo teórico e sua contribuição para o estudo da linguagem humana.

### 1.1 Pressupostos fundamentais da Teoria Gerativa

O ser humano possui, como um dos principais diferenciais entre os demais seres vivos, uma capacidade inata para o desenvolvimento da linguagem, ou seja, apenas os seres humanos são capazes de, a partir de um conjunto de elementos finitos, produzir um número infinito de expressões gramaticais, recurso que é denominado de *infinitude discreta* (MAIA 2006). Por ser algo inerente ao ser humano, postula-se que este é geneticamente dotado com uma habilidade para o desenvolvimento de sua *competência linguística*, sendo um órgão da mente humana. A esta capacidade inata dá-se o nome de *Faculdade da Linguagem*, que permite a todo o ser humano a aquisição de uma língua natural. Os estímulos linguísticos que uma criança recebe, no período de aquisição da linguagem, não são suficientes para explicar toda a complexidade linguística que ela é capaz de exibir, de forma tão precoce. O sistema gramatical que uma criança possui será desenvolvido rapidamente para um sistema equivalente ao dos adultos, a despeito das experiências de mundo, intelectual e afetiva a que foi exposta.

Essas características da cognição humana são capturadas nas propostas de Chomsky a partir de duas formulações (cf. MAIA 2006): *O Problema de Platão* e *O Problema de Orwell*. A primeira questão está relacionada à pobreza de estímulos que o ser humano possui durante a aquisição da linguagem, visto que há um conhecimento sobre o manejo da linguagem, porém poucas evidências que expliquem a origem de tal capacidade. Para o linguista, o ser humano já nasce com princípios universais, comuns a todas as línguas humanas, que possibilitam a aquisição de uma língua de forma rápida e na mesma faixa etária de desenvolvimento da criança. A segunda questão faz referência ao escritor inglês George Orwell e seu livro *A Revolução dos Bichos*, e traz uma proposta de reflexão sobre como é possível ter pouco conhecimento com tantas evidências disponíveis. Trata-se de uma espécie

de alerta por parte do linguista para que haja cautela com determinados pontos de vista, em detrimento de outros, pois diversos meios de informação podem ser manipuladores, impedindo o desenvolvimento do pensamento crítico.

O estágio zero da faculdade mental da linguagem humana é chamado de *Gramática Universal* que consiste em uma predisposição inicial para aquisição da linguagem e contém *princípios e parâmetros* gerais que são comuns a todas as línguas naturais. A criança, ao ser exposta aos dados linguísticos de uma língua particular, os chamados *inputs*, fixa as propriedades específicas desta língua, fazendo com que o resultado final desse processo seja a geração e aquisição de um sistema gramatical, ou seja, a aquisição da língua materna. Tais propriedades são denominadas *parâmetros*, que diferem entre uma língua e outra, contribuindo para a diversidade linguística existente.

De acordo com Mioto *et al.* (2013), os parâmetros podem apresentar valores binários, de forma que uma determinada sentença que não atende a um certo parâmetro de uma determinada língua, pode ser considerada agramatical nesta língua, porém, gramatical em uma outra. Tem-se como exemplo o *Parâmetro do Sujeito Nulo*, em que há línguas que permitem que a posição de sujeito na sentença fique vazia, como o português europeu, e línguas que não o permitem, as chamadas línguas de sujeito obrigatório, como é o caso do inglês:

- (1) a. *I like animals. (ING.)*  
 b. \**Like animals.*  
 c. *Eu gosto de animais (POR.)*  
 d. *Gosto de animais.*

Dessa forma, a Gramática Universal irá determinar qual o valor (positivo ou negativo) que será aplicado ao *Parâmetro do Sujeito Nulo* de acordo com a língua a que a criança será exposta. No caso do exemplo acima, se a criança receber um *input* referente à Língua Inglesa durante seu período de aquisição, a Gramática Universal irá marcar o valor negativo para o parâmetro em questão, caso a criança venha a receber um *input* característico da Língua Portuguesa, a marcação será positiva, conforme demonstra Mioto *et al.* (2013, p. 32):

- (2) a. *sujeito nulo* → valor [+] para o parâmetro  
 b. *sujeito obrigatório* → valor [-] para o parâmetro

Os autores também destacam que o falante tem a habilidade de reconhecer determinadas sentenças que podem ou não ser gramaticais em sua língua, trazendo um exemplo do português brasileiro, onde as formas “*cê*” e “*você*” são vistas como equivalentes e são reconhecidas pelos falantes.<sup>1</sup> Nota-se que, embora estas formas não sejam aceitas pela Gramática Tradicional, o falante nativo do português, através de sua gramática internalizada, reconhece ambas as formas como pertencentes à Língua Portuguesa. Esse “conhecimento que o falante tem de sua língua materna, é independente de ele ter tido aulas de português na escola ou de conhecer a Nomenclatura Gramatical” (*idem*, p.16).

A partir da discussão de Guimarães (2017) sobre os conceitos de *gramaticalidade* e *agramaticalidade*, é observado o fato de que há arranjos de itens lexicais (ILs) que são aceitos pelos falantes como uma sentença da língua, enquanto outros não são reconhecidos, como demonstra o exemplo abaixo:

(3) a. *A fada despiu o robô no hangar.*

b. *Hangar robô fada o a no despiu.*

Observa-se que o exemplo (3a) traz um conjunto de ILs em uma determinada ordem e que é compreensível e aceito pelos falantes da Língua Portuguesa. Entretanto, o exemplo em (3b) não o é, pois embora traga exatamente os mesmos ILs, a forma como estes se apresentam não obedecem aos princípios combinatórios da língua, o que faz com que os falantes não reconheçam esta sequência como aceitável, sendo, portanto, agramatical. O autor também destaca que nem sempre uma sentença considerada inaceitável pelo falante, será necessariamente agramatical. Isso ocorre pois a aceitabilidade “é fruto de uma reação concreta e observável do falante-ouvinte a um arranjo particular de ILs, logo: um dado factual bruto” (*idem* p. 32). A noção de gramaticalidade, por sua vez, também está ligada a aspectos teórico-metodológicos, que são submetidos a análises e levam em consideração o mecanismo da gramática internalizada “num plano mais abstrato que aquele do uso efetivo da língua, que é influenciado por fatores extragramaticais, como memória, atenção, expectativa, etc.” (*ibidem*). Pode-se tomar como exemplo a famosa sentença de Chomsky (1957):

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que a gramática tradicional da Língua Portuguesa “[...] não reconhece a forma pronominal ‘*você*’ como pronome de segunda pessoa do singular de vários dialetos do português brasileiro; no máximo, esta forma recebe alguma nota de rodapé nos livros de gramática”(p.15). Por essa razão, há uma distinção entre pelo menos três conceitos de gramática: o conceito de Gramática Tradicional, que apresenta determinadas regras a serem seguidas e acompanhadas de um juízo de valor; a noção de Gramática Universal, que consiste em um aparato presente na mente humana, permitindo que este adquira uma língua; e o conceito de Gramática Internalizada, o qual está relacionado ao conhecimento inato que o falante tem de sua língua materna. O exemplo anterior, trazido pelos autores, retrata exatamente este último conceito (cf. Mioto *et al.*, 2013).

(4) *Ideias verdes incolores dormem furiosamente.*

Embora os falantes sintam certa estranheza e considerem esta sentença semanticamente inaceitável, trata-se de uma sentença da Língua Portuguesa do ponto de vista gramatical, pois há a presença de um sujeito, de um verbo e seu adjunto, além de dispor das operações de Caso e concordância fundamentais para a sua boa formação. Por fim, é importante mencionar a arquitetura da gramática proposta pela teoria gerativista, observando que a estrutura do modelo leva em consideração elementos que são encontrados nas sentenças das línguas, como aspectos fonológicos, semânticos e sintáticos. Para tanto, cada módulo situa-se em uma posição específica dentro do modelo, mostrando a relação existente entre eles:

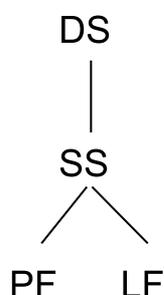


Figura 1 - Modelo da teoria Gerativista para análise das sentenças das línguas naturais (MIOTO *et al.*, 2013, p. 23)

A arquitetura apresentada acima, pertence ao modelo de Regência e Ligação (Chomsky 1981), considerando um componente sintático dividido em dois níveis de representação e dois componentes de interface. A *Forma Fonética* (*Phonetic Form* - PF) representa a interface responsável pelo processamento da sequência sonora da sentença. Além das sequências fonético-fonológicas, entram em cena também os aspectos semânticos que são atribuídos aos sons, estes são capturados na *Forma Lógica* (*Logic Form* - LF). Portanto, percebe-se que há uma relação entre os sons de uma sentença (PF) e o seu significado (LF). Contudo, essa relação não ocorre diretamente, mas é mediada pela *Estrutura Superficial* (*Surface Structure* - SS). Neste nível de representação ocorrem as operações do domínio funcional da sentença, como a atribuição de Caso abstrato e os mecanismos de concordância. Por fim, o nível da *Estrutura Profunda* (*Deep Structure* - DS) está relacionado ao domínio predicativo da sentença, em que se estabelece a estrutura argumental e a grade temática dos núcleos lexicais. Com isso, observa-se que a teoria Gerativa busca explicar não apenas os

processos de aquisição de uma língua natural, mas também como se dá esse processo, ou seja, como a *Faculdade da Linguagem*, presente apenas nos seres humanos, se organiza, e quais são os meios utilizados para a formação de palavras e sentenças. No que diz respeito à formação de palavras, a próxima seção discute o percurso da Morfologia no quadro da teoria Gerativa.

## 1.2 O tratamento da morfologia na Gramática Gerativa

A Morfologia é um domínio da Linguística frequentemente descrito como um dos pontos de grande controvérsia entre os linguistas. Há quem leve em consideração que este campo de estudo é o principal componente de estudo gramatical, porém há quem diga que a Morfologia sequer é relevante para a construção de uma teoria gramatical. A partir disso, esta seção traz um breve panorama sobre a Morfologia e o papel que esta área de estudo tem desempenhado na Gramática Gerativa.

Com o advento do quadro gerativista na década de sessenta, a forma de análise e descrição desenvolvida pelos estruturalistas perdeu um pouco de espaço. Passou-se a buscar os componentes universais da linguagem humana, e ao analisar os componentes morfológicos de algumas línguas, como o inglês, percebeu-se que a Morfologia e a Fonologia compartilhavam uma relação importante. Sândalo (2003) traz um ilustração de como estas duas áreas da Linguística estão relacionadas ao pontuar que “a Fonologia pode exercer influência não apenas em relação ao lugar onde o morfema é inserido, mas também na própria forma fonética dos morfemas” (*idem*, p.188). Sendo assim, a autora pontua que na língua inglesa o morfema de plural nominal pode apresentar ou não um traço de vozeamento, dependendo do contexto em que ele é realizado. Este fator serve como uma das evidências da relação existente entre essas duas áreas.

A partir da constatação de que a Fonologia e a Morfologia estão relacionadas, esta passou a ser tratada como um componente fonológico do léxico, ou seja, deixou de ser um componente da sintaxe. Desse modo, no quadro Gerativista das décadas de setenta e oitenta assumiu-se que cada componente da Gramática seria um módulo independente contendo princípios particulares. Nesse formato, o módulo que corresponde à Fonologia passou a ser dividido em duas partes: a Fonologia Lexical e a Fonologia Pós-Lexical, sendo a primeira processada no léxico, e a segunda processada depois da sintaxe. Assim, a morfologia passou a ser tratada como sendo parte da Fonologia Lexical. Nesse módulo, os morfemas seriam concatenados uns aos outros no léxico, observando as regras fonológicas a serem aplicadas

no processo de adição dos morfemas. Já o léxico, nesse modelo, é visto como um local de armazenamento, onde estão as irregularidades que são memorizadas. Portanto, a partir da perspectiva de que cada língua tem o seu léxico específico, a diversidade morfológica das línguas seria explicada através desse fato.

Nesta perspectiva, no módulo correspondente ao léxico, a morfologia pode ser dividida em duas categorias: a morfologia derivacional e a morfologia flexional. A primeira tem como principal característica a possibilidade de mudança da categoria gramatical de um lexema. A morfologia flexional, por outro lado, atribui informações gramaticais ao vocábulo e não altera a categoria gramatical de uma palavra. Pode-se tomar como exemplo o morfema *-mos* nos verbos do português, que indica a pessoa (1ª) e o número (plural), sem alterar a semântica ou a classe gramatical do verbo. Além disso, trata-se de uma morfologia bastante produtiva em termos de aplicabilidade, pois, qualquer verbo, por exemplo, pode receber os mesmos morfemas de pessoa e número.<sup>2</sup>

Anderson (1982) passou a questionar se a morfologia realmente é irrelevante para a sintaxe, visto que a Fonologia Lexical passou a incluir tanto o domínio fonológico quanto o morfológico. Uma das evidências de que a morfologia tem relação estrita com a sintaxe é a morfologia de Caso, que define a função sintática desempenhada por um sintagma nominal na sentença. Tem-se como exemplo a Língua Latina, onde os casos são expressos através de morfemas:

(5) a. *Gallin-ae lup-os timent.* (Lat.)

b. *As galinhas temem os lobos.* (Por.)

Observa-se no exemplo acima, que junto aos radicais “*gallin-*” e “*lup-*” os morfemas (em destaque) que os acompanham expressam as funções de sujeito e de objeto direto, marcadas, respectivamente, pelos casos nominativo (*-ae*) e acusativo (*-os*). Tais morfemas indicam, portanto, qual função sintática a palavra exerce na sentença, demonstrando que Morfologia e Sintaxe têm algum tipo de relação<sup>3</sup>. Além da Língua Latina, pode-se evidenciar

<sup>2</sup> Na atribuição de morfemas aos verbos da Língua Portuguesa, existem algumas exceções onde alguns verbos, em determinados contextos, não recebem o mesmo morfema como ocorre na maioria dos outros verbos, como é o caso do verbo “*ir*”, onde a primeira pessoa não recebe o morfema *-o*, adquirindo a forma “*vou*”. Há também o caso de verbos, como “*falir*” que não apresenta forma para a primeira pessoa do singular: \**“Eu falo”*. Vale ressaltar que a forma verbal “*falo*” existe na Língua Portuguesa, sendo correspondente à primeira pessoa do singular do verbo “*falar*”, que recebeu o morfema *-o*.

<sup>3</sup> Vale destacar também que independente da ordem em que as palavras apareçam na sentença, seus papéis sintáticos continuam os mesmos, pois estes são expressos pelos morfemas. Pode-se formar a sentença em questão, além da forma em que se apresenta no exemplo, das seguintes formas: *lupos gallinae timent; timent*

este fator também na Língua Portuguesa, em que os traços de pessoa, número e gênero se mostram relevantes na construção da sentença, como em (5b) que traz uma construção nominal no plural para o sujeito, fazendo com que o verbo da sentença também adquira o traço de plural, ou seja, à medida que determinados traços de ordem morfológica são modificados em um único sintagma, as demais construções dentro da sentença também sofrem alterações.

Na década de oitenta, então, a morfologia flexional passou a ser descrita como parte constituinte da sintaxe, processo que ficou conhecido como *hipótese lexicalista fraca*, que questionava a *hipótese lexicalista forte* (Chomsky 1970), na qual a sintaxe deveria ser cega para a morfologia. Posteriormente, o módulo da Morfologia passou a ser tratado de forma mais independente, de maneira a destacar a intersecção entre esta, a Fonologia e a Sintaxe.

Na década de noventa surge, então, a Morfologia Distribuída (Halle; Marantz 1993; 1994). Segundo esse modelo, a Morfologia apresenta seu próprio componente, a ser manipulado pela Sintaxe, e os processos de formação de palavras passam a ser descritos e analisados à semelhança dos processos de formação das sentenças. Os traços fonológicos e morfológicos das línguas naturais são acessados em diferentes posições no componente computacional. Tais processos, bem como os pressupostos fundamentais da Morfologia Distribuída, serão detalhados no próximo capítulo.

Também na década de noventa, a morfologia recebe um tratamento representacional a partir da chamada Teoria da Otimalidade (Prince; Smolensky 1993). Essa teoria nega a forma de análise da Gramática por meio de módulos derivacionalmente ordenados. Para esse modelo, um conjunto de princípios universais, que podem ser ranqueados, regem a Gramática. Estes princípios são processados de maneira hierárquica, desse modo, a diversidade linguística, no domínio morfofonológico, é compreendida como o resultado de diferentes tipos de ranqueamento, fidelização ou violação desses princípios.

Com isso, observa-se que a Morfologia vem sendo abordada por diversas linhas de estudo dentro da Gramática Gerativa, mostrando que mais uma vez ela vem ganhando espaço como campo de estudo. Ao se abordar questões relacionadas à diversidade entre as línguas, a Morfologia se mostra como área fundamental, para os estudos linguísticos convergem.

---

*lupos gallinae; gallinae timent lupos*; dentre outras. Independente da ordem em que as palavras aparecem na sentença na Língua Latina, o Caso, que é expresso por morfemas, permanece o mesmo.

## 2. A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA (MD)

Como mencionado no capítulo anterior, Anderson (1982) questiona a hipótese lexicalista vigente na época, segundo a qual a sintaxe não teria acesso à estrutura morfológica das palavras e, portanto, toda a morfologia seria processada no componente lexical. O autor afirma que:

A marcação de Caso nos nomes é um exemplo, uma vez que isso depende de uma interação de uma estrutura gramatical (especialmente, mas não se limitando às relações gramaticais preenchidas pelo SN em questão) e as propriedades idiossincráticas de elementos particulares de marcação de caso (verbos, preposições e talvez outros) (ANDERSON, 1982, p. 573).<sup>4</sup>

O autor destaca que nas construções de sentenças, a morfologia flexional exibe íntima relação com a estrutura sintática da sentença, o que corrobora a hipótese de que a Morfologia não é apenas visível, como também resultante das operações realizadas no módulo da Sintaxe.

No início dos anos 90, com os trabalhos inaugurais de Halle e Marantz (1993; 1994), surge a Morfologia Distribuída, que se estabelece como uma alternativa às abordagens morfológicas dos modelos lexicalistas. Na MD, tanto os processos derivacionais quanto os flexionais acontecem na sintaxe. A ideia é que a sintaxe que forma palavras não se difere daquela que gera sentenças: em ambas, o objeto sintático resultante estará sujeito à interpretação e processamento nos componentes de interface semântico e fonológico, respectivamente. Sendo assim, o presente capítulo aborda os pressupostos fundamentais da MD para análise morfológica e suas características.

### 2.1. Pressupostos teóricos da MD

Para a MD, *palavra* é o resultado de uma operação sintática que concatena uma raiz a um núcleo funcional que determina sua categoria. Já o termo *morfema* se refere às unidades que estão sujeitas às operações sintáticas, ou seja, morfemas são os nódulos terminais das

---

<sup>4</sup>Na versão original: The assignment of case in nouns is an example, since this generally depends on an interplay of grammatical structure (especially, but not limited to, the grammatical relations filled by the NP in question) and the idiosyncratic properties of particular case-assigning elements (verbs, prepositions, and perhaps others) (ANDERSON, 1982, p. 573).

estruturas arbóreas, formados por um complexo de traços fonético-fonológicos ou gramaticais/sintático-semânticos.

O modelo prevê que os morfemas abstratos são desprovidos de conteúdo fonológico (cf. Halle; Marantz, 1994) e que são organizados de maneira hierárquica. Os traços fonológicos são inseridos pós-sintaticamente por meio da operação denominada *de inserção vocabular*. Por causa disso, esse pressuposto fundamental da MD é chamado de *inserção tardia* e difere consideravelmente das abordagens lexicalistas. Por outro lado, os morfemas lexicais, como as raízes, apresentam complexos de traços fonéticos e, em algumas situações, traços diacríticos, sem informação gramatical, como apontam Harley e Noyer (1999):

Os morfemas funcionais são definidos como morfemas para os quais não há escolha quanto à inserção de vocabulário: o *spell-out* de um morfema funcional é determinístico. Em outras palavras, morfemas funcionais são aqueles cujo conteúdo (conforme definido pelos traços sintáticos e semânticos disponibilizados pela Gramática Universal) é suficiente para determinar uma expressão fonológica única (...), um morfema lexical é preenchido por um Item de Vocabulário que pode denotar um conceito específico da língua. Por exemplo, em um morfema lexical cuja posição sintática tradicionalmente o definiria como um substantivo, qualquer um dos Itens de Vocabulário como: cachorro, gato, peixe, rato, mesa etc. pode ser inserido. (*idem*, p. 4)<sup>5</sup>

Ademais, Halle e Marantz (1993) propõem que o componente lexical seja “explodido” e distribuído em três listas acessadas em diferentes pontos da derivação. A proposta apresenta então, uma nova arquitetura da Gramática e traz uma concepção inaugural no que diz respeito à formação de palavras, pois se antes a formação de palavras se dava no componente lexical, na MD esta é implementada também no componente sintático do modelo, como evidencia o diagrama a seguir (HARLEY; NOYER, 1999):

---

<sup>5</sup> Na versão original: F-morphemes are defined as morphemes for which there is no choice as to Vocabulary insertion: the spell-out of an f-morpheme is deterministic. In other words, f-morphemes are those whose content (as defined by syntactic and semantic features made available by Universal Grammar) suffices to determine a unique phonological expression (...), an l-morpheme is defined as one for which there is a choice in spell-out: an l-morpheme is filled by a Vocabulary Item which may denote a language-specific concept. For example, in an l-morpheme whose syntactic position would traditionally define it as a noun, any of the Vocabulary Items dog, cat, fish, mouse, table etc. might be inserted. (*idem*, p.4)

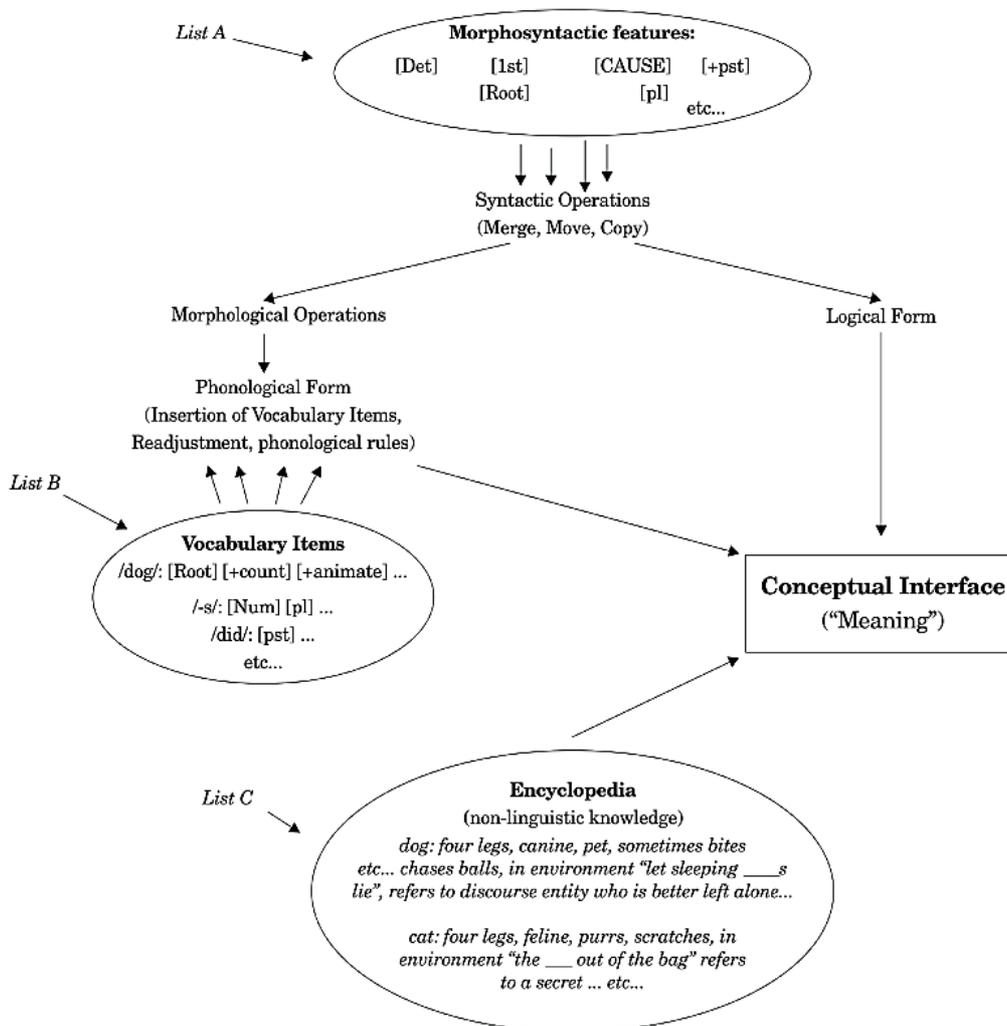


Figura 2 - Modelo da arquitetura da Gramática segundo a MD (HARLEY; NOYER, 1999, p. 3).

Como exposto anteriormente, na proposta da MD a sintaxe opera com os traços morfossintáticos que estão presentes em listas, formando as palavras e as sentenças. A *lista A* é formada pelos morfemas tanto funcionais quanto lexicais, como as raízes e os traços morfossintáticos. O mecanismo sintático manipula os itens presentes nessa lista gerando uma estrutura hierárquica a ser preenchida a partir das regras de inserção vocabular presentes na *lista B*.

Os *itens* ou *peças de Vocabulário* compõem a chamada *lista B*. Tratam-se de regras que atribuem conteúdo fonológico aos nódulos compostos por traços abstratos. Os itens presentes nesta lista servem para expressar os morfemas abstratos presentes na *lista A*, e podem vir acompanhados de certos recursos que indicam o seu contexto de inserção. O modelo ainda conta com a *lista C*, que é responsável pela informação semântica que deve ser especificada. É nesse módulo onde está localizado o conhecimento extralinguístico do

falante, contendo tanto os significados arbitrários quanto as expressões idiomáticas (*idioms*) da língua em questão. Marantz (1997) afirma que os significados especiais das expressões idiomáticas são definidos através de princípios sintáticos, de forma que um argumento agentivo, externo ao verbo, projeta um local onde será realizado o significado especial da expressão. Nessa projeção, está contido um núcleo *v* e seu complemento. Contudo, há uma espécie de fronteira na projeção localizada entre o argumento externo e o núcleo, que é determinante para a realização do contexto de significados especiais:

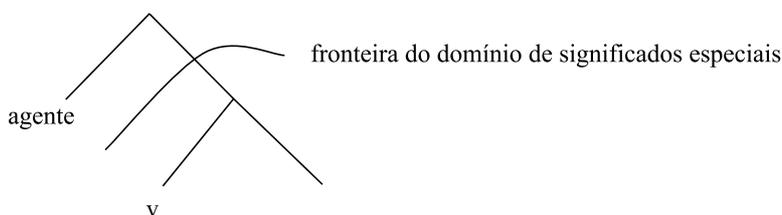


Figura 3 - Modelo de projeção sintática para demonstrar a formação de expressões idiomáticas (MARANTZ, 1997, p. 5).

Em uma expressão como *comer poeira*, por exemplo, a *lista C* tem a informação de que em casos onde o complemento do verbo for *poeira* a construção deverá ser interpretada como *ficar para trás*, em um contexto de competições de corridas ou maratonas, por exemplo. Vale ressaltar que, para Marantz (1997), o argumento externo (agente) não é participante do *idiom*, pois o argumento interno do verbo é projetado por um *v* e não por uma projeção verbal superior, caso contrário o agente também seria parte constituinte da expressão idiomática, fato que não está previsto na *lista C*. Pode-se tomar como exemplo a expressão *ele chutou o pau da barraca*, que pode ser interpretado como *perder a paciência*. Neste caso, pode-se observar que o agente ‘*ele*’ não faz parte da projeção em que se tem a interpretação da expressão, sendo esta restrita ao domínio localizado abaixo da fronteira dos significados especiais, onde há a projeção do verbo e seu complemento: *chutar o pau da barraca*.<sup>6</sup> A *lista C*, portanto, tem a função básica de armazenar o conhecimento de mundo do falante e atribuir conteúdos semânticos não-previsíveis às estruturas geradas pelas *listas A e B*.

<sup>6</sup>Há também um recurso linguístico para “quebrar” a interpretação da expressão idiomática, fazendo com que o ouvinte leve em consideração a expressão ao pé da letra: o uso de *literalmente*. Este adjunto, normalmente, vem logo após a expressão idiomática e tem a função semântica de fazer o ouvinte levar em consideração o que está expresso de forma literal: *ele chutou o pau da barraca, literalmente*. Vale ressaltar que algumas expressões idiomáticas não aceitam adjuntos ou flexões em sua estrutura, como por exemplo *rachar o bico* (rir muito, gargalhar), que normalmente não vem acompanhado de adjuntos.

## 2.2 Princípio do subconjunto e subespecificação

Para que um determinado item vocabular seja inserido em um nó sintático, é necessário que as especificações presentes em cada nó estejam também presentes no item a ser inserido. Postula-se que os traços contidos nos itens vocabulares se apresentam na forma de um subconjunto, em que um item só poderá ser inserido em uma determinada posição se este contiver os traços especificados da posição. Se mais de um item satisfizer as condições de inserção, aquele que apresentar o maior número de traços, ou seja, o mais especificado será selecionado (cf. HALLE; MARANTZ, 1994). Existem casos, entretanto, em que um nó sintático é preenchido por um item vocabular menos especificado do que um outro que apresenta maior especificação. Isso ocorre por conta de certas restrições que um determinado item apresenta para que este seja inserido na projeção sintática.

Scher (2017) exemplifica como ocorre essa propriedade do modelo através da morfologia verbal em PB levando em consideração o verbo *amar* no passado imperfeito. Primeiramente, o subconjunto dos traços verbais disponíveis para ocupar o nó sintático são agrupados, além da raiz, tempo e classe verbal:

(6) a. /va/ → [PrImp.c1]

b. /ia/ → [PrImp.]

c. /a/ → [c1]

d. /e/ → [c2]

e. /i/ → [c3]

f.  $\sqrt{AM}$  → [raiz]

A forma verbal *amava* apresenta uma vogal temática /a/, característica dos verbos de *classe I (c1)*. O morfema de expressão temporal *-va* apresenta uma condição de inserção em que apenas ocorrerá em um contexto onde o traço *c1* for selecionado. Com isso, a forma verbal pode ser representada como:

(7) [T[v $\sqrt{AM}$ [v[v<sub>v</sub>][t c1]]][T PrImp.]]

/am/      /a/      /va/

Inserção de morfemas em uma sentença segundo o Modelo da MD (SCHER, 2017, p. 50)

Formas verbais como *escrevia* e *agia*, por sua vez, apresentam uma vogal temática /e/ e /i/ e pertencem aos verbos de *classe 2 (c2)* e *classe 3 (c3)*, respectivamente. Vale ressaltar que a Língua Portuguesa também dispõe do morfema *-ia* para expressar o pretérito imperfeito. Diferentemente do morfema *-va*, este segundo não apresenta nenhuma condição de inserção referente ao tema verbal no subconjunto, ou seja, tal item é menos especificado que seu concorrente mais marcado. Por apresentar essa característica, formas verbais contendo *c2* e *c3* em sua estrutura, selecionam o item *-ia* na formação do pretérito imperfeito:

(8) a.  $[_{\text{T}}[v\sqrt{\text{ESCREV}}[v[vv][_{\text{t}}c2]]][_{\text{T}}\text{PrImpf.}]$   
           /escrev/            /e/        /ia/

b.  $[_{\text{T}}[v\sqrt{\text{AG}}[v[vv][_{\text{t}}c3]]][_{\text{T}}\text{PrImpf.}]$   
           /ag/            /i/        /ia/

Observa-se ainda que operações fonológicas foram aplicadas, fazendo com que os segmentos /e/ e /i/, referentes a *c2* e *c3*, fossem apagados para que o resultado seja um vocábulo que esteja de acordo com as propriedades fonológicas da língua em questão. O que se pode observar também, é que os nós sintáticos apresentam uma especificação quanto a inserção vocabular, diferentemente dos itens vocabulares, que não são necessariamente especificados.

## 2.3 Operações morfológicas

A fim de resolver determinadas situações que envolvem questões de conflito durante a inserção dos morfemas, a MD dispõe de alguns mecanismos que, em determinadas situações paramétricas, são empregados pós-sintaticamente e denominados de *Operações Morfológicas*. Nesta seção, discutiremos brevemente três delas: (i) *concatenação morfológica (morphological merger)*; (ii) *empobrecimento (empoverishment)* e (iii)  *fusão (fusion)*.

### 2.3.1. Concatenação morfológica

Harley e Noyer (1999) destacam que a *concatenação morfológica* está relacionada à formação e organização dos níveis de representação sintática, de forma que dois elementos em níveis diferentes na representação passem a ter uma relação de adjunção, como

demonstrado no esquema a seguir, em que o elemento X passa de elemento adjacente para um elemento fixado a Y, dentro do mesmo nível sintático:

$$X[Y\dots] \rightarrow [Y + X\dots]$$

Figura 4 - Modelo de representação do Deslocamento Local (*Local Dislocation*) na estrutura sintática (cf. HARLEY e NOYER, 1999).

Os autores trazem como ilustração um exemplo da língua latina, onde a partícula *-que* na sentença *boni pueri bonaque puellae* (bons meninos e boas meninas) é deslocada da posição de adjacência anterior à *bona* e passa a ser parte constituinte do nível sintático deste vocábulo, o que leva à formação de *bonaque*. Dessa forma, essa operação possibilita que um determinado constituinte gerado em uma determinada posição possa ser realocado para um outro nível sintático.

Embick e Noyer (2001) ampliam essa noção e discutem que as propriedades de localidade de uma operação de concatenação são determinadas pelo estágio na derivação em que a operação acontece. A concatenação pode ocorrer antes da inserção vocabular, nas estruturas hierárquicas, ou depois desta operação, sendo a primeira, denominada de abaixamento (*lowering*), que envolve adjunção de núcleo para núcleo, e em virtude desses núcleos não serem necessariamente adjacentes, essa operação tem um caráter não-local, não-adjacente. Para a segunda, denominada deslocamento local (*local dislocation*), a relação relevante para a fixação não é hierárquica, mas de precedência linear e adjacência.

### 2.3.2. Empobrecimento

Durante o processo de inserção vocabular, alguns itens podem sofrer um processo de perda de traço em contextos muito marcados, denominado *empobrecimento*. Halle e Marantz (1994) trazem uma ilustração desse processo tomando como exemplo uma categoria *X* e uma categoria *Y*, contendo seus respectivos subconjunto de traços. É postulado que a categoria *X*, quando se apresenta diante da categoria *Y*, perde um de seus traços, fazendo com que *X* não possa ser inserido em um nó terminal sem que antes um de seus traços seja perdido:

X [F1, F2, F3]

X [F1, F2, F3] / Y

Figura 5 - Ilustração da propriedade do empobrecimento segundo a MD (HALLE e MARANTZ, 1994, p. 279).

Harley e Noyer (1999) destacam um exemplo de empobrecimento na língua norueguesa, onde há uma distinção entre os sufixos adjetivais em posições sintáticas “fortes” e “fracas”, contendo os traços de [+/- pl.] e [+/- neu.]:

FORTE	[-neutro]	[+neutro]
[-pl]	-	-t
[+pl]	-e	-e
FRACO	[-neutro]	[+neutro]
[-pl]	-e	-e
[+pl]	-e	-e

Tabela 1 - O empobrecimento de itens adjetivais na língua norueguesa (SAUERLAND, 1995 *apud* HARLEY e NOYER, 1999, p. 6).

É observado que o afixo *-e* se apresenta de maneira mais recorrente no paradigma. A partir disso, chega-se à conclusão de que a regra do empobrecimento é aplicada nos traços de gênero nos adjetivos de posição sintática fraca, ou seja, o *morfema zero* e o item *-t* são selecionados apenas em contextos onde o valor [+/- neu.] se mostra relevante, como é o caso dos adjetivos de posição sintática forte. Nos demais casos, o morfema *-e* pode ser inserido normalmente.

### 2.3.3. Fusão

O modelo da MD ainda prevê casos em que dois núcleos sintáticos podem ser fundidos quando um morfema corresponde a mais de um item vocabular. A fusão tem como resultado uma projeção sintática contendo os traços dos nós envolvidos no processo e posteriormente, o item vocabular é inserido. Pode-se tomar como exemplo a forma verbal *andava*, que apresenta os traços morfológicos *c1*, *PrImp.* e *1ªSg.* Os dois últimos traços fazem parte de projeção de tempo (*T*), fazendo com que haja uma fusão entre eles dentro da projeção *T*:

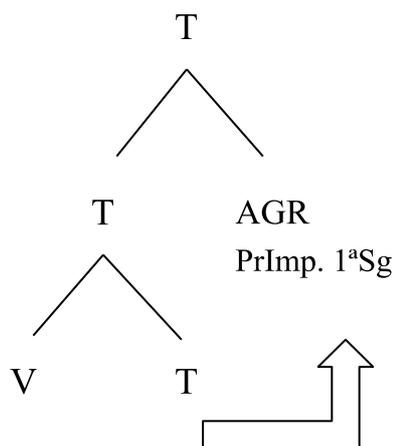


Figura 6 - Propriedade da fusão na MD (SCHER, 2017, p. 53).

O traço de tempo gerado no nível mais baixo da projeção passa para um nível mais alto, fundindo-se com o traço de pessoa. Dessa forma, dentre os paradigmas de morfemas para a construção do pretérito imperfeito no português, a forma *-va* é selecionada para ser inserida na posição *AGR*, onde os traços de tempo e pessoa coocorrem, e adjungida à vogal temática e ao radical.

#### 2.4 A MD e a Formação de *Blends*

Para o presente trabalho, faz-se relevante discutir acerca da formação de palavras que ocorrem através da união entre segmentos fonológicos de duas ou mais palavras, bem como a perda desses segmentos, gerando uma forma truncada ou abreviada. Para tanto, tem-se como fundamentação os trabalhos de Sandalo (2003), que traz uma breve sumarização sobre os processos morfológicos não-concatenativos, e Nóbrega e Minussi (2015), trazendo um breve panorama sobre as formações de *blends* na MD.

Sandalo (2003) destaca que “os processos morfológicos nem sempre são concatenativos” (p.200), como é o caso do processo de formação de palavras em que os morfemas não se adicionam aos radicais. A autora traz os seguintes processos de Morfologia não-concatenativa:

a) *mistura*<sup>7</sup>: palavras criadas através da junção de duas ou mais palavras que já existem na língua, como por exemplo *portunhol*, onde houve a junção das palavras *português* e *espanhol*.

b) *abreviação*: processo onde há o truncamento de uma palavra já existente na língua, tendo como resultado outra palavra, como ocorre em *biju*, para se referir a *bijuteria*.

c) *acronímia*: palavras iniciadas pelas primeiras letras de uma sigla e que recebem conteúdo fonológico, sendo então pronunciadas. Pode-se tomar como exemplo o Instituto de Estudos da Linguagem, em que a sigla correspondente é IEL e pronunciada como [iew].

d) *retroformação*: processo onde há a desafixação de morfemas de uma palavra, como por exemplo, *delega* onde houve uma desafixação do morfema *-ado(a)* da palavra *delegado(a)*.

Nóbrega e Minussi (2015) pontuam que há diferentes abordagens para se definir a morfologia não-concatenativa, que vão desde de questões de natureza morfofonológica, até padrões que distinguem este tipo de morfologia como sendo um fenômeno que “fere ideais concatenativos” (BYE; SVENONIUS, 2012 *apud* NÓBREGA; MINUSSI 2015, p. 160). Os ideais concatenativos regem o contexto em que um morfema é adicionado à uma base, e apresentam as seguintes características:

- **Precedência:** Os morfemas precisam estar ordenados de forma linear;
- **Contiguidade:** Os morfemas têm uma característica de estarem sempre próximos da base ou de outros morfemas;
- **Aditividade:** Os morfemas são adicionados a uma base, nunca subtraídos;
- **Preservação dos Morfemas:** Um morfema é preservado durante a adição de mais morfemas;
- **Autonomia Segmental:** O conteúdo segmental de um morfema não depende do contexto de aparecimento de um outro morfema;
- **Disjunção:** Os morfemas se apresentam separados uns dos outros, não havendo omissão de nenhum segmento.

A partir dessa classificação proposta por Bye e Svenonius (2012), os autores destacam que o ideal de aditividade não é seguido na formação de *blends*, pois envolve a subtração e a sobreposição de segmentos fonológicos para a formação do vocábulo.

---

<sup>7</sup> Sandalo (2003), em sua classificação sobre os processos de formação de palavras onde não se utilizam a concatenação de morfemas, a autora traz a nomenclatura *mistura* para aquelas palavras que são formadas a partir do truncamento de duas palavras já existentes na língua. Por outro lado, Nóbrega e Minussi (2015) tipificam tal fenômeno como *blend*, palavra de origem inglesa que tem por tradução literal para o português o nome *mistura*.

A morfologia não-concatenativa, dependendo de seus processos, pode ser classificada em *templática* e *atemplática*. A primeira tipologia pode ser verificada em línguas semíticas, onde segmentos vocálicos e raízes triconsonantais amalgamam-se para derivar ou flexionar uma palavra, enquanto que a segunda diz respeito à realização de morfemas que não dispõem de segmentos fonológicos consistentes. Nesse contexto, os *blends* podem ser caracterizados como o resultado de um processo morfológico não-concatenativo *atemplático*, visto que há um apagamento de alguns segmentos durante a formação do vocábulo. Contudo, vale ressaltar que há uma distinção entre palavras formadas pelo processo de composição e os *blends*: enquanto estes apresentam uma fusão entre duas palavras podendo haver a perda de material fônico entre elas, aquelas se apresentam como a junção de duas palavras sem alteração em seus constituintes.

A partir disso, é proposta uma classificação dos *blends* levando em consideração critérios morfofonológicos e semânticos, como sumarizado a seguir:

<i>Blends</i> Fonológicos	presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos sobrepostos.	<i>matel</i> = mato + motel; <i>robodízio</i> = roubo + rodízio.
<i>Blends</i> Morfológicos	ausência de quaisquer segmentos fonológicos idênticos nas palavras-fontes; truncamento de uma ou de ambas as palavras fontes.	<i>cariúcho</i> = carioca + gaúcho; <i>portunhol</i> = português + espanhol.
<i>Blends</i> Semânticos	reanálise semântica de uma parte dos segmentos fonológicos de uma das palavras-fontes; substituição do segmento fonológico reanalisado por segmentos fonológicos equivalentes ao de outra raiz com traços enciclopédicos distintos.	<i>boacumba</i> = (má)cumba; <i>bebemorar</i> = (come)morar.

Tabela 2 – Classificação dos *blends* (MINUSSI; NÓBREGA, 2014 *apud* NÓBREGA; MINUSSI, 2015)

Levando em consideração o modelo de gramática proposto pela MD, os autores destacam a importância da *enciclopédia* nos processos de formação de palavras, trazendo consigo efeitos estilísticos, havendo uma espécie de relação com a PF e LF, visto que é nesta lista onde se localizam:

informações concernentes ao nosso conhecimento de mundo, que viabilizam a interpretação de uma raiz em determinado contexto (e.g.,  $\sqrt{\text{GATO}}$ : (i) mamífero (ii) homem bonito; (iii) ligação clandestina de fios, etc.), bem como a interpretação de construções sintáticas (e.g., expressões idiomáticas), e a adequação prosódica da estrutura fonológica com determinado conteúdo semântico. (*idem*, p. 170)

Para que um *blend* seja formado, é necessário que os itens da *lista A* sejam combinados; posteriormente, as estruturas são enviadas para a *lista B* para que os itens vocabulares sejam inseridos nos terminais sintáticos; após estas operações, a estrutura segue para PF e LF e então acessa a *lista C*, que atua como uma espécie de filtro e regula o apagamento e mesclagem de certos segmentos. Desse processo ocorrido na última lista, podemos obter *blends fonológicos*, quando há similaridade fonológica entre as duas palavras-fontes e portanto, ocorre uma sobreposição; *blends morfológicos*, onde não ocorre uma similaridade fonológica entre as palavras, fazendo com que a sobreposição ocorra em determinado ponto de ordem suprasegmental, como por exemplo a tonicidade de uma sílaba; e *blends semânticos*, em que uma das palavras-fontes sofre uma reanálise e há uma substituição de parte da palavra reanalisada por outros segmentos de uma raiz com traços semânticos opostos.

### 3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Levando em consideração o aparato teórico explicitado até então, este capítulo tem como objetivo descrever e analisar os dados coletados nas redes sociais *Facebook* e *Twitter* que compõem o *corpus* desta pesquisa, visando mapear os processos de formação neológica e elucidar qual deles se mostra mais recorrente, além observar quais mecanismos sintáticos estão envolvidos nesta operação.

Na primeira seção do capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos e de classificação dos dados coletados, enquanto que na segunda parte, propomos uma interpretação teórica à luz da MD para os processos de formação neológica.

#### 3.1 Procedimentos metodológicos

Os dados que compõem o *corpus* do presente trabalho foram coletados a partir de comentários e postagens em páginas de cunho político das redes sociais *Facebook* e *Twitter* no período de fevereiro de 2020 até o mês de junho de 2021. Foram escolhidas três páginas de cada uma das redes sociais, sendo três apresentando pautas progressistas, e três de viés conservador.

Na rede social *Facebook* foram selecionadas as seguintes páginas: (i) *Direita Brasil* (cerca de 16 mil seguidores); (ii) *Jair Messias Bolsonaro* (cerca de 14 milhões de seguidores) e (iii) *Caneta Desmanipuladora* (cerca de 270 mil seguidores), sendo as duas primeiras com tendências conservadoras e a última apresentando um viés progressista. Na rede social *Twitter*, as páginas selecionadas foram: (i) *DCM Online* (cerca de 309 mil seguidores); (ii) *Pragmatismo Político* (cerca de 50 mil seguidores) e (iii) *Caneta Desesquerdizadora* (cerca de 291 mil seguidores), de forma que as duas primeiras seguem tendências progressistas e a última, conservadoras. A escolha das páginas e das redes sociais teve como principal critério a temática política abordada e seus meios de utilização para se referir ou nomear aqueles que possuem ideologias contrárias à uma determinada pauta, bem como o alto número de usuários das redes sociais em questão, fazendo com que a informatividade fosse mais recorrente.

A segunda etapa deste procedimento metodológico consistiu em checar se as palavras selecionadas nas páginas supramencionadas seriam ou não dicionarizadas, visto que um neologismo é caracterizado como sendo o surgimento de uma palavra durante um determinado período da história da língua (cf. Carvalho, 2006). Para tanto, foram utilizadas como ferramentas de busca o Dicionário Aurélio e o Dicionário Eletrônico Michaelis, ambos

de Língua Portuguesa, e a plataforma do VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) que serviram como uma espécie de filtragem de palavras, ou seja, aquelas que não foram encontradas em nenhuma dessas ferramentas, foram selecionadas.

Após a coleta, os dados foram tratados e classificados de acordo com as seguintes variáveis: (i) *processo de formação*, sendo observados quais afixos e processos morfológicos estavam envolvidos; (ii) *categoria gramatical* (nomes, adjetivos, verbos); (iii) *número de sílabas*; (iv) *posição do acento primário*. A partir disso, é possível elucidar quais processos de formação de palavras se mostram mais recorrentes, bem como sua natureza prosódica e gramatical. Como resultado desse processo, o *corpus* do presente trabalho dispõe de 118 palavras, sendo: 61 formadas por processos concatenativos; 47 formadas por *blends* e 3 truncamentos. Além disso, ainda foram encontrados 2 processos de formação por composição, além da mescla entre dois processos, a saber: 2 por *blend* e concatenação, e 3 por composição e concatenação. A base de dados na íntegra pode ser encontrada no anexo deste trabalho.

Após a classificação dos dados, foi observado que a produção de palavras apresenta, em sua maioria, uma conotação pejorativa, que se direciona a uma pessoa específica ou algum grupo de pessoas com características em comum, ou ainda a nomeação de criações científicas, como é o caso de *CoronaVac*:

(9)



Vale ressaltar que em alguns casos, algumas palavras foram encontradas em uma determinada forma, mas não em outra, como é o caso de *chilique*, que traz uma categoria nominal e tem como significado uma “crise nervosa ou ataque de histeria” (Michaelis, 2022 *versão eletrônica*). Porém a forma adjetival *chiliquento* não consta nos dicionários ou no VOLP e portanto não sendo reconhecida como parte integrante do repertório lexical da Língua Portuguesa.

### 3.1.1 Descrição quantitativa dos dados

Como já exposto, após classificados, os dados foram quantificados de acordo com quatro variáveis. Para fins demonstrativos, a tabela a seguir traz dois neologismos coletados e sua classificação de acordo com as variáveis consideradas:

NEOLOGISMO	CATEG. LEX.	PROC. MORF.	Nº DE SÍL.	TIP. DE ACENTO
abortistas	NOM.	CONC.	4	PAR.
bolsobosta	NOM.	BLEND	4	PAR.

Tabela 3 - Classificação dos neologismos presentes no *corpus* de acordo com as variáveis consideradas.

Ao fazer este tipo de levantamento, constatou-se que a formação nominal se mostrou mais recorrente. Além disso, a formação por processos de concatenação foi a mais utilizada pelos usuários das redes sociais analisadas, sendo as palavras com 4 sílabas e palavras com acentuação tônica na penúltima sílaba, as mais recorrentes, como demonstram as tabelas a seguir:

Categoria lexical	Quant.	%
Nomes	98	83,1
Adjetivos	17	14,4
Verbos	3	2,5
TOTAL	118	100,0

Tabela 4 - Recorrência das categorias utilizadas para a classificação de construções neológicas.

<b>Processos Morfológicos</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
Concatenação	61	51,8
<i>Blend</i>	46	38,9
Truncamentos	3	2,5
Composição	2	1,8
Composição + concatenação	3	2,5
<i>Blend</i> + concatenação	3	2,5
TOTAL	118	100,0

Tabela 5 - Recorrência dos processos morfológicos utilizados para a classificação de construções neológicas.

<b>Número de sílabas</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
2	2	1,7
3	23	19,4
4	46	38,9
5	31	26,4
6	12	10,2
7	2	1,7
8	2	1,7
TOTAL	118	100,0

Tabela 6 - Recorrência da numeração silábica das palavras que compõem o *corpus*.

<b>Tipo de acento primário</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
Oxítono	12	10,2
Paroxítono	103	87,3
Proparoxítono	3	2,5
TOTAL	118	100,0

Tabela 7- Recorrência da tipologia de acentuação das palavras que compõem o *corpus*.

A tabela 4 mostra, além da maior recorrência de formações nominais, que a construção verbal foi a categoria menos recorrente. Isto se deve ao fato de que em contextos onde a nomeação ou referência a determinados grupos de pessoas é tida como necessária, a formação de verbos não apresenta tanta relevância. Vale ressaltar também que as construções verbais encontradas têm em sua estrutura traços de origem nominal, como é o caso de *venezuelou* que apresenta o radical nominal *Venezuel-* em sua formação. Além disso, no que diz respeito ao processo de formação de palavras, conforme a tabela 5, observa-se que palavras formadas por mais de um tipo de processo não apresentaram grande recorrência, sendo as construções formadas pela adjunção de morfemas a um radical as mais utilizadas pelos usuários. Além disso, as palavras que apresentam 3, 4 e 5 sílabas estão entre as mais utilizadas pois durante o processo de formação, houve a concatenação de morfemas ou o truncamento de partes de palavras para que uma nova construção surgisse, o que não permitiu a ocorrência de um grande número de material fonológico. As construções que apresentaram um 7 e 8 sílabas, foram construídas por mais de um processo de formação, fato que é menos recorrente entre as palavras de 3 a 5 sílabas.

No que diz respeito aos neologismos formados pelo processo de *blend*, foram encontradas 47 ocorrências, sendo de tipologia fonológica, morfológica e morfofonológica, não havendo recorrência de formação de tipologia semântica. Além disso, houve a ocorrência de formações em que a tipologia morfológica e o processo de concatenação fazem parte da construção da palavra, como demonstra a tabela a seguir:

<b>Tipologia de <i>blend</i></b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
Fonológico	13	28,3
Morfológico	32	69,5
Morfofonológico	1	2,2
TOTAL	46	100,0

Tabela 8 - Recorrência da tipologia de formações neológicas por *blends* no *corpus* da pesquisa.

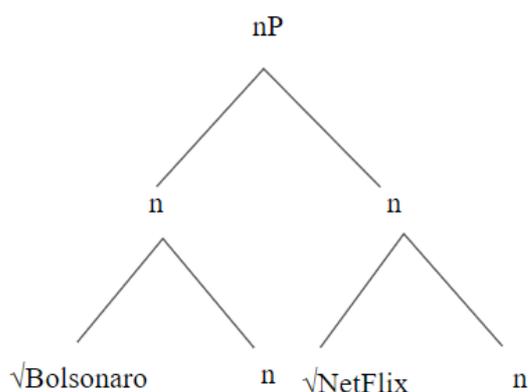
### 3.2 A Formação Neológica à Luz da MD

Após a identificação e classificação dos neologismos que constituem o *corpus* desta pesquisa, passou-se a investigar como ocorreram os processos de formação destas palavras utilizadas pelos usuários das redes sociais *Twitter* e *Facebook* de acordo com o aporte teórico da MD. Nesta seção, discutiremos seis tipos de processos de formação identificados nos dados que compõem nossa base de dados: (i) *blend* morfológico; (ii) *blend* fonológico; (iii) concatenação de morfemas; (iv) *blend* + concatenação; (v) composição + concatenação; (vi) composição.

#### 3.2.1 A formação neológica por *blends* morfológicos

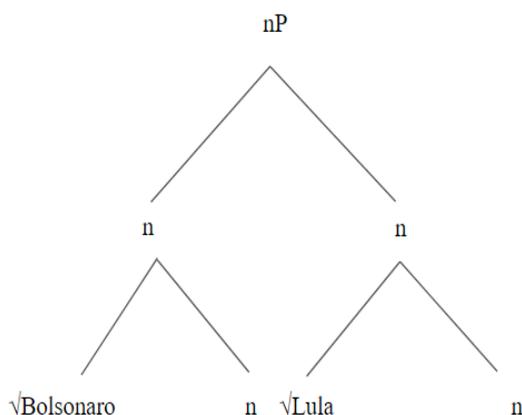
Como já exposto, um *blend* morfológico tem como uma de suas principais características a reunião de duas palavras, ocasionando o truncamento de parte de uma ou de ambas as palavras, como ocorre com a construção *BolsoFlix*. Este nome foi utilizado para se referir a supostas mentiras contadas pelo então presidente Jair Bolsonaro que estão reunidas em uma espécie de dossiê e publicadas em uma plataforma. Tal plataforma faz referência à Netflix, um *streaming* de entretenimento que contém diversas séries, filmes, documentários e afins. A formação do neologismo em questão se dá através da junção entre as raízes nominais *NetFlix* e *Bolsonaro*, tendo como resultado final um nome, como demonstra a estrutura a seguir:

(10)



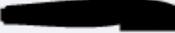
É relevante pontuar que nos processos de formação por *blends* morfológicos, há uma espécie de rearranjo fonológico, de forma que a sílaba tônica da segunda palavra na composição permanece, enquanto a da primeira sofre truncamento, ou seja, a sílaba tônica da primeira palavra funciona como uma espécie de “ponto de truncamento”, onde terá início os segmentos fonológicos oriundos dos segunda palavra. A partir disso, pode-se levar em consideração que este tipo de formação também admite nomes próprios em sua composição. Um outro exemplo é *BolsoLula*, que também apresenta duas projeções sintáticas nominais, para a formação de um *nP*:

(11)



Além disso, pode-se observar no comentário abaixo que um *blend* morfológico pode apresentar uma projeção *nP* formada não somente por constituintes nominais, mas também pela junção desta categoria com outras:

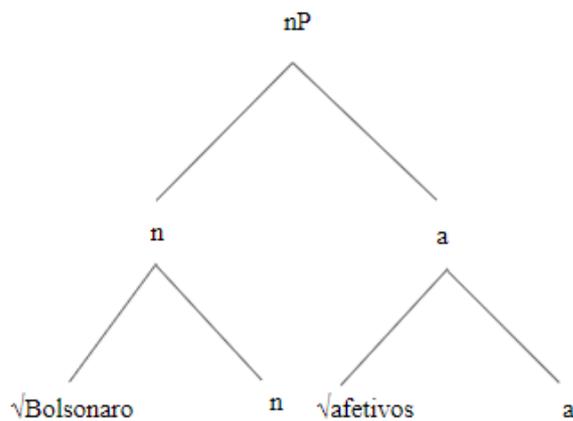
(12)

  
 Não respondam nem reajam aos bolsoafetivos e replicadores de mensagens de ódio, a maioria é robô, gente paga ou mau caráter. Proteja sua saúde mental ignorando estas pessoas e assim você contribui para que os algoritmos não joguem eles para o topo dos comentários mais relevantes. Ajudem a disseminar esta ideia, passe adiante.

Curtir Responder 1 a  183

No comentário em questão, observa-se que há a presença do *blend* morfológico *Bolsoafetivos*, em que há a junção do adjetivo *afetivo(s)* e do nome *Bolsonaro*, para posteriormente ocorrer o truncamento de certos segmentos fonológicos, tendo como resultado final a formação de um nome. Tal processo de formação é ilustrado a seguir:

(13)



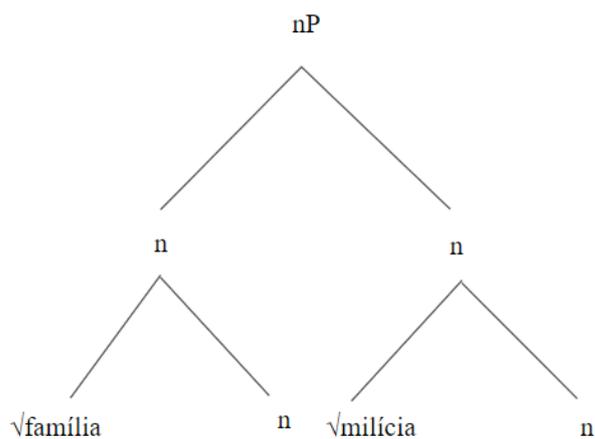
A partir do exemplo acima, vale pontuar que no processo de formação não-concatenativo, palavras onde há a presença de uma categoria nominal como parte de sua formação, terão como resultado final esta mesma categoria, podendo a outra palavra-fonte ser também de categoria nominal ou não. Alguns outros exemplos desta categoria são: *bolsopetismo*, *CoronaVac*, *bolsonazi*, *BolsoCloroquina*, *glolixo*, dentre outros.

### 3.2.2 A formação neológica por *blends* fonológicos

Levando em consideração Nóbrega e Minussi (2015), os *blends* fonológicos apresentam pelo menos um segmento fonológico idêntico entre as duas palavras-fontes, ocorrendo a sobreposição desses segmentos. Dentre os dados, presentes em anexo, pode-se destacar a formação *familícia*. Neste neologismo há a sobreposição do segmento *-mi* que está presente em ambas as palavras-fontes, a saber: *família* e *milícia*. Esta palavra foi utilizada para se referir à família do presidente da República em razão de supostos crimes de natureza fiscal cometidos pelos integrantes de sua família. O processo de formação nominal, neste caso, ocorre analogamente aos *blends* morfológicos, em que há a seleção de duas raízes para

a formação do nome, diferindo deste, entretanto, no que diz respeito à questão do rearranjo fonológico, visto que nos *blends* fonológicos ocorre a sobreposição dos segmentos idênticos:

(14)



Da mesma forma que uma formação neológica de cunho pejorativo tem como alvo um grupo de pessoas, como no exemplo anterior, há a possibilidade da palavra ser direcionada apenas a uma pessoa específica, como é o caso do exemplo a seguir:

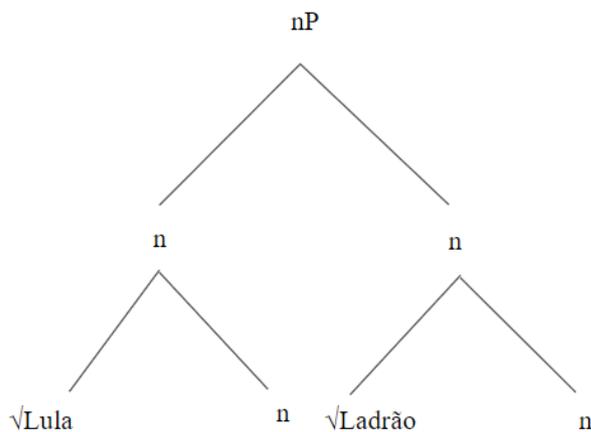
(15)



Curtir Responder 1 a

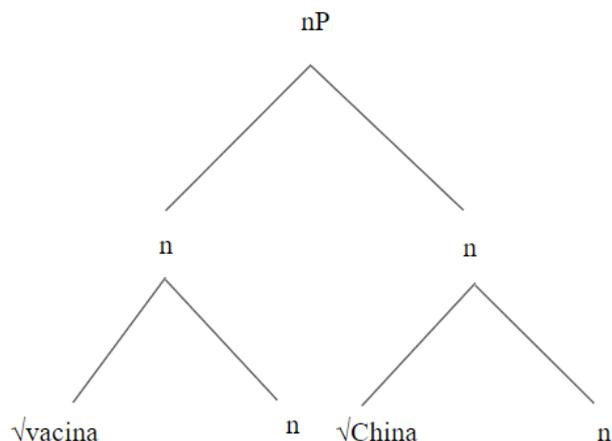
Esta palavra em questão faz referência, primeiramente, ao então ex-presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva e posteriormente, foi adjungido a palavra *ladrão*, que faz referência aos esquemas de corrupção que ocorreram durante o governo do ex-presidente e que supostamente ele teria participação. Nota-se que, assim como nos *blends* morfológicos, aqui também é possível a formação de uma palavra contendo uma raiz adjetival e outra nominal, tendo como resultado um nome:

(16)



Além de se direcionar a uma pessoa ou um grupo de pessoas de forma pejorativa, como ocorreu na maioria dos dados coletados, também foi constatado que objetos passaram a ser nomeados também pejorativamente, como aconteceu com as primeiras vacinas contra a COVID-19 que foram produzidas na China. Por questões de natureza sociopolíticas e até mesmo pela manipulação de informações, estas vacinas passaram a ser nomeadas como *vachina*. Nota-se que a sobreposição de segmentos neste caso, ocorre onde há traços fonológicos semelhantes, pois os segmentos *-chi* e *-ci* apresentam pontos de articulação bem próximos, diferindo dos exemplos anteriores, onde a sobreposição dos segmentos das palavras-fontes apresentam o mesmo ponto de articulação. No que diz respeito às projeções que demonstram a formação do neologismo em questão, o padrão segue os mesmos princípios onde há a seleção de duas raízes e o rearranjo fonológico para a formação de um *nP*:

(17)

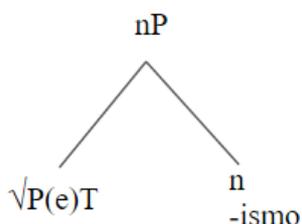


Outros exemplos deste grupo são: *Carluxo*, *boçalnaro*, *majumenta*, *governicho*, *cangaciro*, dentre outros.

### 3.2.3 A formação neológica por processos concatenativos

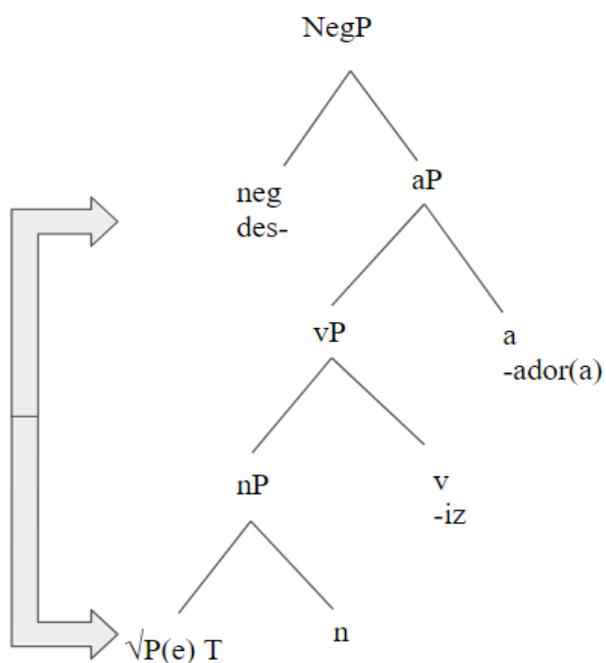
Além da formação de palavras através do processo de *blend*, ocorrendo a mistura entre duas ou mais palavras, também foram encontradas construções que apresentam um processo de formação concatenativo, ou seja, quando há uma raiz e morfemas são concatenados a esta raiz. Dessa forma, foram encontrados neologismos pertencentes a categorias gramaticais de nome, adjetivo e verbo. Como categoria nominal, pode-se destacar a formação *petismo*, usada para se referir ao período em que o Partido dos Trabalhadores (PT) governou o Brasil. No que diz respeito ao processo de formação deste neologismo, ocorre uma projeção nominal que contém a raiz *PT* e a concatenação do sufixo *-ismo*, como demonstrado a seguir:

(18)

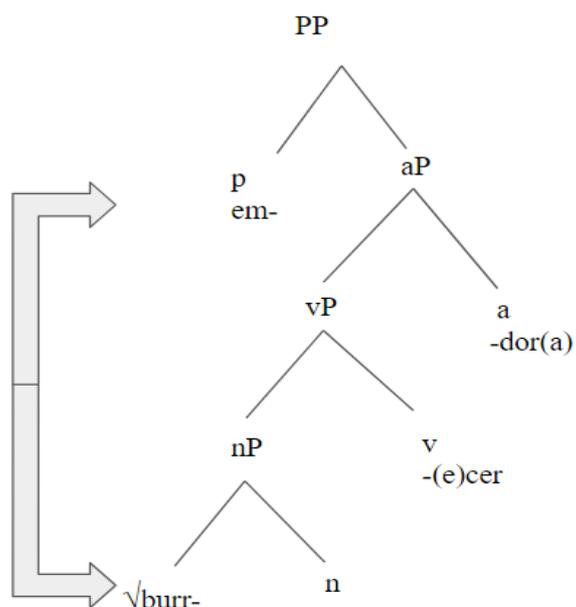


As formações adjetivas formadas por concatenação encontradas, apresentam, em sua maioria, uma prefixação na sua constituição, como é o caso de *despetizadora* e *emburrecedora*. Ambas as formas apresentam uma projeção nominal, verbal e por fim, adjetival, como demonstrado a seguir:

(19 a)



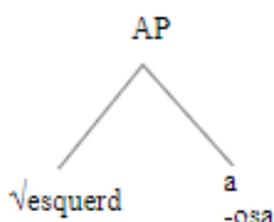
(19 b)



Nestes casos, pode-se observar que o prefixo *des-* traz um aspecto negativo ou contrário para a construção, demonstrando algo como *não petizar* ou *deixar de ser petizado*, enquanto que o prefixo *em-* caracteriza-se por ser de natureza preposicional. Em ambos os casos, tratam-se morfemas de natureza derivacional não-categorial. Portanto, quando isto ocorre, estes morfemas passam a serem prefixados através da *local dislocation* (cf. Harley & Noyer, 1999), onde há o deslocamento da partícula preposicional do nível sintático mais alto para a raiz da palavra.

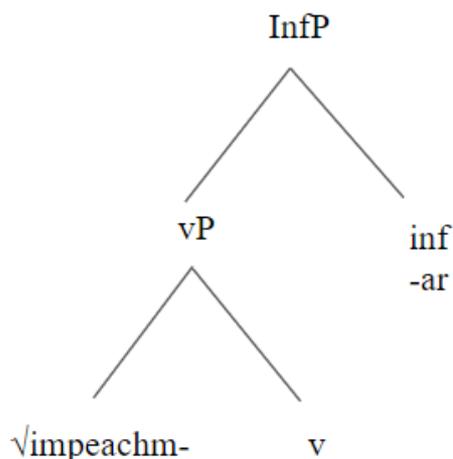
A formação de adjetivos pode ocorrer também através de um único nível sintático, como é o caso da palavra *esquerdosa*, que foi utilizada de forma pejorativa para se referir a uma mulher com ideais progressistas:

(20)

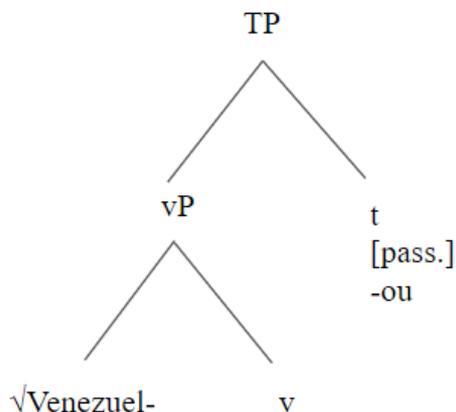


Também foram encontradas, em menor quantidade, formações de verbos cujo processo se dá através da morfologia concatenativa. Os verbos se apresentam nas formas de infinitivo e passado perfeito, como é o caso de *impeachmar* e *venezuelou*:

(21 a)



(21 b)

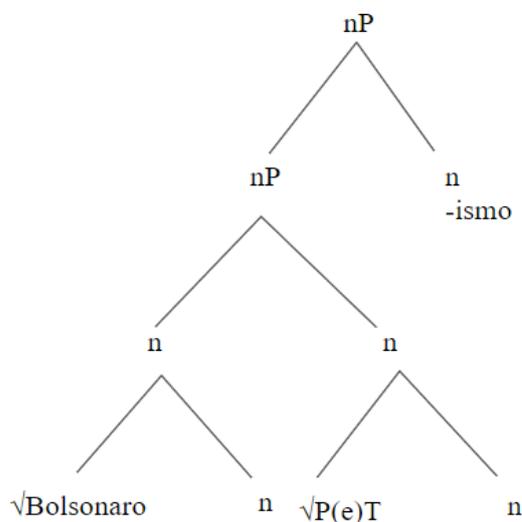


Como demonstrado no esquema (21a), a construção apresenta uma forma verbal infinitiva, contendo uma projeção inferior, onde está localizada a raiz verbal, que é encabeçada por um sintagma do modo infinitivo (*InfP*), contendo a partícula *-ar*, marcador de infinitivo verbal na Língua Portuguesa. Da mesma forma ocorre em (21b), porém, diferindo pelo fato de que esta forma verbal encontra-se flexionada. Portanto, o sintagma verbal passa a ser encabeçado pelo *TP*, que é responsável pela concordância modo-temporal dos verbos.

### 3.2.4 A formação neológica por processos concatenativos e *blends*

O processo de criação neológica ainda pode ser formado a partir da combinação de um *blend* e de uma concatenação de morfemas, ou seja, há uma espécie de formação que mescla a morfologia não-concatenativa e a morfologia concatenativa. Nos dados coletados, observa-se que a categoria gramatical para este tipo de formação é nominal, como é o caso de *bolsopetismo*, que apresenta o seguinte processo de formação:

(22)

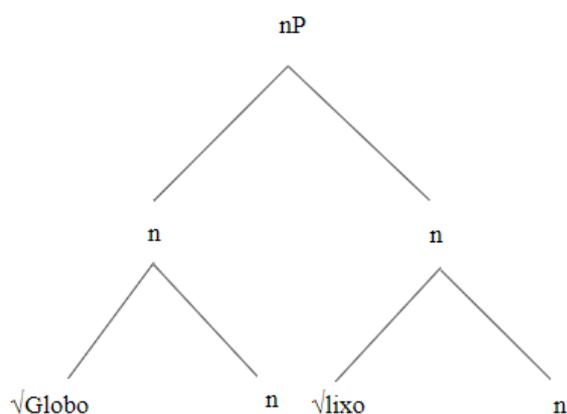


Como exposto anteriormente, trata-se de um processo de formação envolvendo *blend* e concatenação de morfemas, de forma que há primeiramente a junção das duas raízes das palavras-fontes para que ocorra o *blend* e posteriormente um sufixo nominal é concatenado à construção. Observa-se também, que o tipo de *blend* presente neste tipo de formação, se caracteriza como morfológico, não sendo encontrada a forma semântica, e apenas uma fonológica, como é o caso de *petralhada*, em que se tem o *blend* fonológico *petralha* e a adjunção do morfema *-ada* a esta construção.

### 3.2.5 A formação neológica por processos de composição

Ainda foram encontradas as construções neológicas: *DataBunda* e *globolixo*. Estas construções não envolvem sobreposição ou apagamento de segmentos em nenhuma das palavras-fontes, o que caracteriza um *blend*. Quando isto ocorre, pode-se dizer que há uma formação neológica composicional (cf. Carvalho, 2006). De acordo com o aporte teórico da MD, este processo de formação ocorre através da seleção de duas raízes categoriais, para a formação de um determinado sintagma, de maneira semelhante aos processos de formação já abordados, como é o caso da construção *globolixo*:

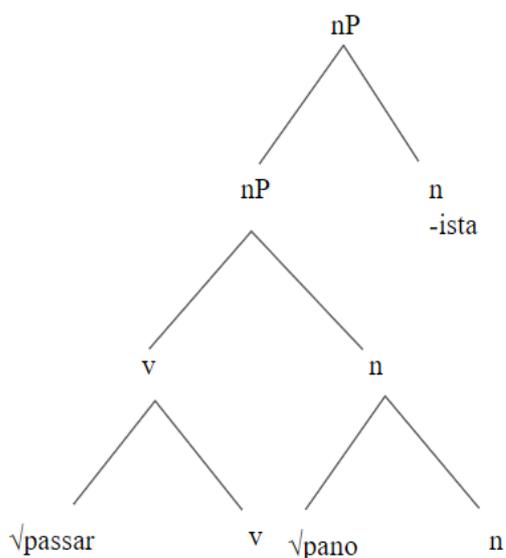
(23)



### 3.2.6 A formação neológica por processos de composição e concatenação

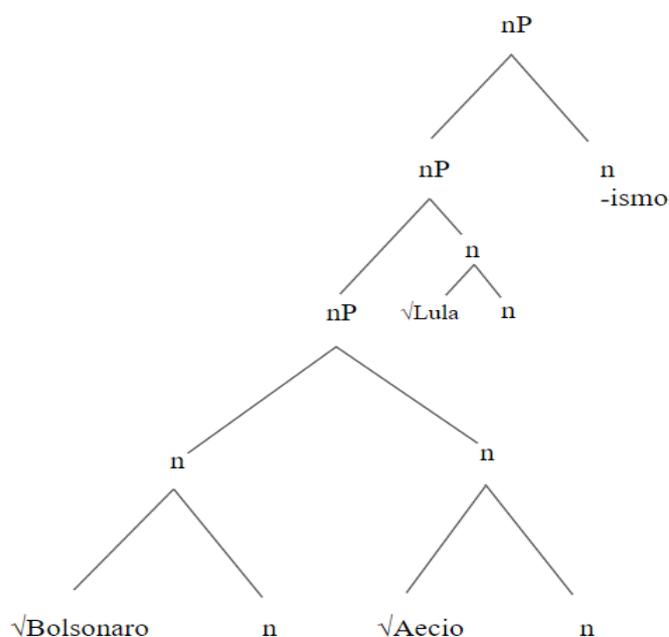
É relevante pontuar também que a criação neológica pode envolver processos composicionais e concatenativos, possuindo, inclusive, raízes categoriais distintas, como é o caso de *passapanista*, que apresenta uma raiz verbal e uma nominal em sua composição. Nota-se também que na construção, foi acrescentado o sufixo *-ista*, para formar um *nP*:

(24)



Para este tipo de formação, ainda foi encontrado um processo envolvendo três raízes nominais e a concatenação do sufixo de mesma categoria:

(25)



No exemplo acima, tem-se a formação *bolsoaeciolutismo*, utilizada pelo usuário de forma pejorativa para se referir aos governos de Bolsonaro, Aecio e Lula como sendo bem semelhantes. Nesta construção existe uma formação de *blend* morfológico, que ocorre entre as raízes dos nomes *Bolsonaro* e *Aecio*, e a este *blend* formado ainda é adjungido, em um nível superior, a raiz do nome *Lula*. Neste momento, percebe-se que a junção da raiz com o *blend* formado previamente no primeiro nível sintático ocorre semelhantemente como no exemplo anterior, ou seja, não há perda de segmentos fonológicos na raiz nominal  $\sqrt{Lula}$ , sendo depois o sufixo *-ista* concatenado à esta construção envolvendo as três raízes nominais.

### 3.2.7 A formação neológica por *blend* morfofonológico

Ainda foi encontrado um único caso de criação neológica envolvendo mais de um tipo de formação por *blend*, como demonstrado na imagem a seguir:

(26)



Caneta Desesquerdizadora  
@Desesquerdizada

...

O caminho para que Lula seja candidato em 2022 está sendo pavimentado.

Ontem foram Gilmar Mendes e Petralhowski dizendo que "Moro foi parcial" e retirando a delação do Palocci de uma denúncia contra o Lula.

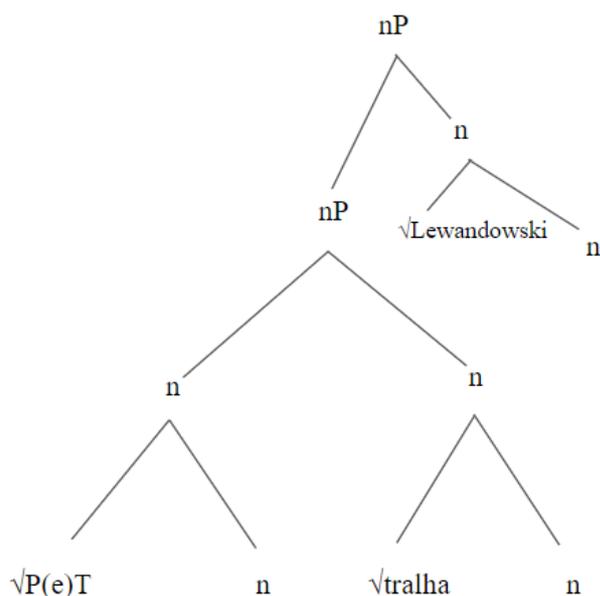
O mais curioso é ver gente "de direita" torcendo para que isto aconteça.

[Translate Tweet](#)

11:27 AM · Aug 5, 2020 · TweetDeck

A formação *petralhowski* foi utilizada pejorativamente para se referir ao então ministro do Superior Tribunal Federal (STF), Enrique Ricardo Lewandowski, como sendo um *petralha*, uma forma de se referir, também pejorativamente, a alguém que simpatiza com as ideologias do Partido dos Trabalhadores (PT). Nota-se que esta construção apresenta uma formação por *blend* fonológico e outra através de *blend* morfológico, como demonstrado no esquema a seguir:

(27)



O *blend* morfofonológico em questão apresenta um processo de formação através das raízes nominais  $\sqrt{\text{PT}}$  e  $\sqrt{\text{tralha}}$  que formam uma palavra com características de *blend*

fonológico, visto que há a sobreposição de segmentos fonológicos semelhantes nas duas raízes. Posteriormente, há uma projeção nominal que contém a raiz  $\surd$ *Lewandowski*, que é unida ao *blend* fonológico formado previamente e como resultado desta formação não-concatenativa, obtém-se uma construção de características nominais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos apontamentos teóricos feitos acerca do modelo gramatical da MD e das análises quantitativas e qualitativas dos dados coletados, o presente estudo analisou como ocorrem os processos de criação neológica levando em consideração os principais pressupostos teóricos deste modelo.

Do ponto de vista semântico, foi observado que a maior parte das palavras formadas apresentam uma característica pejorativa, usadas para nomear, se referir, ou relacionar pessoas ou um grupo de pessoas a certos acontecimentos, ou características.

No que diz respeito às 118 construções analisadas, aquelas que envolvem processos concatenativos se apresentaram mais produtivas, sendo encontradas 61 ocorrências (51,6%), seguido pela formação por *blends*, com 46 ocorrências (38,9%). Truncamentos, composição e os processos envolvendo a mescla de processos de formação, apresentaram menor recorrência, sendo: 3 ocorrências para truncamentos (2,6%), 2 casos para composição (1,7%), 3 ocorrências para as mesclas entre composição e concatenação (2,6%) e 3 para *blend* e concatenação (2,6%).

Dentre as formações por *blends*, a tipologia morfológica se mostrou mais recorrente, com 32 casos desta tipologia (65,4%). Os *blends* fonológicos apresentaram 13 ocorrências (26,5%), seguidos pela tipologia morfofonológica, que apresenta 1 (2,0%) caso, respectivamente.

A classificação gramatical das palavras mais produtiva foi a formação nominal, com 98 ocorrências (83,1%), seguida de adjetivos e verbos, com 17 (14,4%) e 3 (2,5%) ocorrências, respectivamente. Tal fato demonstra a preferência pelo uso de nomes para relacionar ou se referir a algo ou alguém, como já exposto. Além disso, a maioria das palavras apresenta uma tonicidade paroxítona, sendo encontradas também, em menor quantidade, oxítonas e apenas um caso de proparoxítona.

Vale ressaltar que foi entendido que as formações neológicas formadas por truncamento estão mais associadas a propriedades de ordem fonológica do que sintáticas. Por essa razão faz-se necessário uma abordagem de como ocorrem os processos de formação envolvendo truncamentos, bem como ocorre o processo de inserção vocabular e sua relação com a *enciclopédia*. Tais questionamentos servem como propostas norteadoras para pesquisas futuras.

A presente pesquisa visou também contribuir para o campo de estudo da Morfologia, apresentando novas abordagens acerca do processo de formação de palavras, visto que este

tema já recebeu diversas abordagens por parte de outras teorias, levando em consideração vários critérios. Neste trabalho, foi apresentada uma proposta que demonstra que as palavras podem ter sua formação regida por princípios sintáticos, trazendo uma alternativa aos estudos já realizados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, S. Where is Morphology? In: **Linguistic Inquiry**, n. 13, pp. 571-612, 1982.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa** 37<sup>a</sup> ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. P.368-69;
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. ed. crítica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- CARVALHO, Nelly. A Criação Neológica. In: *Revista Trama: Paraná*, vol. 2, n. 4, ago., 2006. Disponível em: <<http://erevista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/681/574>>. Acesso em: 20 de set. 2022.
- CUNHA, Celso. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. P. 83-101;
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8<sup>a</sup> ed. rev. e atual. - Curitiba: Maralto Edições, 2020.
- GUIMARÃES, M. O Olhar Chomskyano Sobre os Fatos Gramaticais. In: \_\_\_\_\_. **Os Fundamentos da Teoria Linguística de Chomsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. pp. 31-116.
- HALLE, M., & MARANTZ, A. Some key features of distributed morphology. In: A. Carnie, H. Harley, & T. Bures (Eds.). *MITWPL 21*, Massachusetts:1994. pp. 275-288.
- HARLEY, H. & NOYER, R. Distributed Morphology. In: *Glott International*. Vol. 4. Iss. 4, 1999.
- MAIA, M. A Linguagem Humana: Conceitos Fundamentais. In: \_\_\_\_\_. **Manual de Linguística: Subsídios Para a Formação de Professores Indígenas na Área da Linguagem**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. pp. 23-50.

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**. Vol. 4. Article 14. Disponível em: < <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol4/iss2/14>>. Acesso em: 12 de out. de 2022.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>> . Acesso em: 14 de junho de 2022.

MIOTO, C. O Estudo da Gramática. In: \_\_\_\_\_; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo, SP: Contexto, 2013. pp. 9-40.

NÓBREGA, V. A.; MINUSSI, R.D. O Tratamento da Morfologia Não-Concatenativa Pela Morfologia Distribuída: O Caso dos Blends Fonológicos. In: *Revista Letras*. n. 91, Curitiba, PR, 2015. pp. 158-177.

NOYER, R. Distributed Morphology. In: BROWN, K. **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2ª ed. Vol. 3. Oxford: Elsevier, 2006. pp.734-737.

SANDALO, M. F. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. vol.1. 3ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2003. pp. 181-204.

SCHER, Ana Paula. Morfologia Distribuída: Formação de Palavras na Sintaxe. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Novos Caminhos da Linguística**. São Paulo SP: Contexto, 2017. pp. 37-58.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, I. de Santana; MINUSSI, R. D. Morfologia em Morfologia Distribuída: Morphology in Distributed Morphology. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, BA, n. 47, jan-jun. pp. 10-27, 2013.

SILVA, E. Lourenço da. O Advento da Morfologia Distribuída. **ReVEL**. Vol. 8,, n. 14, p. 1-13, 2010.

## ANEXO 1

## CATEGORIZAÇÃO DOS NEOLOGISMOS COLETADOS

NEOLOGISMO	CATEG. LEX.	PROC. MORF.	Nº DE SÍL.	TIP. DE ACENTO
abortistas	NOM.	CONC.	4	PAR.
bandidocracia	NOM.	CONC.	5	PAR.
blogueta	NOM.	CONC.	3	PAR.
boçalnaro	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsoaaciolulismo	NOM.	BLEND/CONC.	8	PAR.
bolsoafetivos	NOM.	BLEND	6	PAR.
bolsobosta	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsochavismo	NOM.	BLEND/CONC.	5	PAR.
BolsoCloroquina	NOM.	BLEND	6	PAR.
bolsodoria	NOM.	BLEND	4	PAR.
BolsoFlix	NOM.	BLEND	3	OX.
bolsohitler	NOM.	BLEND	4	PAR.
Bolsolão	NOM.	BLEND	3	OX.
bolsolóide	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsolokinho	ADJ.	BLEND	5	PAR.
BolsoLula	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsomerda	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsominions	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsomitos	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsonalixo	NOM.	BLEND	5	PAR.
bolsonarianos	NOM.	CONC.	6	PAR.
bolsonarismo	NOM.	CONC.	5	PAR.
bolsonarista(s)	NOM.	CONC.	5	PAR.

bolsonazi	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsopessoas	NOM.	BLEND	5	PAR.
bolsopetismo	NOM.	BLEND/CONC.	5	PAR.
bolsoverme	NOM.	BLEND	4	PAR.
bolsta	NOM.	BLEND	2	PAR.
Bozoasno	NOM.	BLEND	4	PAR.
bozobostas	NOM.	BLEND	4	PAR.
bozonarista	NOM.	CONC.	5	PAR.
branquismo	NOM.	CONC.	3	PAR.
ButanVac	NOM.	BLEND	3	OX.
cangaciro	NOM.	BLEND	4	PAR.
canhotagem	NOM.	CONC.	4	PAR.
carequismo	NOM.	CONC.	4	PAR.
Carluxo	NOM.	BLEND	3	PAR.
chiliquento	ADJ.	CONC.	4	PAR.
cironaro	NOM.	BLEND	4	PAR.
cocozice	NOM.	CONC.	4	PAR.
coitadismo	NOM.	CONC.	4	PAR.
comuna	NOM.	TRUNC.	3	PAR.
corona	NOM.	TRUNC.	3	PAR.
CoronaBras	NOM.	BLEND	4	OX.
CoronaVac	NOM.	BLEND	4	PAR.
crentelhos	ADJ.	CONC.	3	PAR.
DataBunda	NOM.	COMP.	4	PAR.
desdireitadora	ADJ.	CONC.	6	PAR.
desesquerdireitadora	ADJ.	CONC.	8	PAR.
desesquerdizada	ADJ.	CONC.	6	PAR.

desesquerdizadora	ADJ.	CONC.	7	PAR.
desmanipuladora	ADJ.	CONC.	7	PAR.
despetizadora	ADJ.	CONC.	6	PAR.
despresidente	NOM.	CONC.	5	PAR.
doença	NOM.	CONC.	4	PAR.
emburrecedora	ADJ.	CONC.	6	PAR.
engavetador	ADJ.	CONC.	5	OX.
esquerdalha	NOM.	CONC.	4	PAR.
esquerdar	VERB.	CONC.	3	OX.
esquerdizada	ADJ.	CONC.	5	PAR.
esquerdizadora	ADJ.	CONC.	6	PAR.
esquerdopata(s)	NOM.	BLEND	5	PAR.
família	NOM.	BLEND	4	PAR.
fanatizados	ADJ.	CONC.	5	PAR.
feminazis	NOM.	BLEND	4	PAR.
feminista	NOM.	CONC.	5	PAR.
frankfurtiana	NOM.	CONC.	5	PAR.
Funças	NOM.	TRUNC.	2	PAR.
Funçaquistão	NOM.	BLEND	4	PAR.
gadômetro	NOM.	CONC.	4	PROP.
gadonaro	NOM.	BLEND	4	PAR.
gadovid17	NOM.	BLEND	3	OX.
genocídio	NOM.	CONC.	5	PAR.
glolixo	NOM.	BLEND	4	PAR.
globolixo	NOM.	COMP.	3	PAR.
governicho	NOM.	BLEND	4	PAR.
idiotizado	ADJ.	CONC.	6	PAR.

imbecilóide	NOM.	BLEND	5	PAR.
impetchmar	VERB.	CONC.	3	OX.
jacarezante	ADJ.	CONC.	5	PAR.
jagunçagem	NOM.	CONC.	4	PAR.
japanismo	NOM.	CONC.	3	PAR.
jornaleca	NOM.	CONC.	4	PAR.
jornalistóide	NOM.	BLEND	5	PAR.
jumentaiada	NOM.	CONC.	5	PAR.
lacrção	NOM.	CONC.	3	OX.
Lacrátima	NOM.	BLEND	4	PROP.
lacrolandia	NOM.	CONC.	4	PAR.
lacrosfera	NOM.	CONC.	4	PAR.
lavajateiros	NOM.	CONC.	5	PAR.
luladrão	NOM.	BLEND	3	OX.
majumenta	NOM.	BLEND	4	PAR.
MBLadas	NOM.	CONC.	4	PAR.
mimizadora	NOM.	CONC.	5	PAR.
mimizenta	ADJ.	CONC.	4	PAR.
multibandido	NOM.	CONC.	5	PAR.
Mutretta	NOM.	BLEND	3	PAR.
neotucanos	NOM.	CONC.	4	PAR.
passapanista	NOM.	COMP./CONC.	5	PAR.
petismo	NOM.	CONC.	3	PAR.
petralha	NOM.	BLEND	3	PAR.
petralhadas	NOM.	BLEND	4	PAR.
Petralhowiski	NOM.	BLEND	5	PROP.
psdbista	NOM.	CONC.	5	PAR.

PSDBosta	NOM.	BLEND	5	PAR.
Psolista	NOM.	CONC.	4	PAR.
ptista/petista	NOM.	CONC.	3	PAR.
robozada	NOM.	CONC.	4	PAR.
SergioMorizada	NOM.	CONC.	6	PAR.
subjornalismo	NOM.	CONC.	5	PAR.
terraplanismo	NOM.	COMP./CONC.	5	PAR.
trumpista	NOM.	CONC.	3	PAR.
tucanizadora	NOM.	CONC.	6	PAR.
umbigocentrista	NOM.	COMP./CONC.	6	PAR.
vachina	NOM.	BLEND	3	PAR.
veiarada	NOM.	CONC.	4	PAR.
venezuelou	VERB.	CONC.	5	OX.
zoação	NOM.	CONC.	3	OX.

*BLEND* + CONC.: 3

*BLENDS*: 46

COMP.: 2

COMP. + CONC.: 3

CONC.: 61

TRUNC.: 3

PALAVRAS: 118

## ANEXO 2

## CATEGORIZAÇÃO DE BLENDS

<b><i>BLEND</i></b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>
boçalnaro	FONOLÓGICO
bolsoafetivos	MORFOLÓGICO
bolsobosta	MORFOLÓGICO
BolsoCloroquina	MORFOLÓGICO
bolsodoria	MORFOLÓGICO
BolsoFlix	MORFOLÓGICO
bolsohitler	MORFOLÓGICO
Bolsolão	MORFOLÓGICO
bolsolóide	MORFOLÓGICO
bolsolokinho	MORFOLÓGICO
BolsoLula	MORFOLÓGICO
bolsomerda	MORFOLÓGICO
bolsominions	MORFOLÓGICO
bolsomitos	MORFOLÓGICO
bolsonalixo	MORFOLÓGICO
bolsonazi	MORFOLÓGICO
bolsopessoas	MORFOLÓGICO
bolsoverme	MORFOLÓGICO
bolsta	FONOLÓGICO
Bozoasno	MORFOLÓGICO
bozobostas	MORFOLÓGICO
ButanVac	MORFOLÓGICO
cangaciro	FONOLÓGICO
Carluxo	FONOLÓGICO

cironaro	MORFOLÓGICO
CoronaBras	MORFOLÓGICO
CoronaVac	MORFOLÓGICO
esquerdopata(s)	MORFOLÓGICO
família	FONOLÓGICO
feminazis	MORFOLÓGICO
Funçaquistão	MORFOLÓGICO
gadonaro	MORFOLÓGICO
gadovid17	MORFOLÓGICO
glolixo	MORFOLÓGICO
governicho	FONOLÓGICO
imbecilóide	MORFOLÓGICO
jornalistóide	MORFOLÓGICO
Lacrátima	MORFOLÓGICO
luladrão	FONOLÓGICO
majumenta	FONOLÓGICO
Mutretta	FONOLÓGICO
PSDBosta	FONOLÓGICO
petralha	FONOLÓGICO
petralhadas	FONOLÓGICO
Petralhowiski	MORFOFONOLÓGICO
vachina	FONOLÓGICO

*BLENDS*: 46

*BLENDS FONOLÓGICOS*: 13

*BLENDS MORFOLÓGICOS*: 32

*BLENDS MORFOFONOLÓGICOS*: 1